

Geografia

	Frente 1	Frente 2	Frente 3	Frente 4
Ficha 1	As políticas ambientais 2	As revoluções industriais 16	Da bipolaridade à multipolaridade 30	A região Nordeste 40
Ficha 2	Degradação ambiental 4	A Terceira Revolução industrial 18	Formas de regionalização do espaço mundial 32	Nordeste: sub-regiões, seca e desertificação 42
Ficha 3	Problemas ambientais 6	Paradigmas tecnológicos 20	As regiões excluídas África 34	Nordeste: sub-regiões, seca e desertificação 42
Ficha 4	Os biomas terrestres. / As catástrofes ambientais. 8/10	O espaço geográfico 24	África 2ª Parte: conflitos étinicos e geopolíticos 36	Estrutura agrária, migrações e industrialização 44
Ficha 5	Fontes de energia políticas 12	O período técnico-científico e informacional 26	As regiões excluídas: América Latina 38	Estrutura agrária, migrações e industrialização 44

Frente 01 Ficha 01

As políticas AMBIENTAIS

MEIO AMBIENTE:

As conferências mundiais sobre meio ambiente

Estocolmo-1972: Desenvolvimento Zero e o desenvolvimento a qualquer custo.

Realizada em 1972 na Suécia, esta foi marcada pela polêmica entre os defensores do "desenvolvimento zero", representados pelos países industrializados, que propuseram o congelamento da produção e do crescimento econômico e os defensores do "desenvolvimento a qualquer custo", representados pelos países subdesenvolvidos, que defendiam exatamente o contrário, já que estavam atrasados em relação aos países ricos.



A conferência de Estocolmo - Foi marcada pela polêmica entre os defensores do "desenvolvimento zero", basicamente representante dos países industrializados, e os defensores do "desenvolvimento a qualquer custo" representantes dos países não industrializados. A proposta dos países ricos era congelar as desigualdades socioeconômicas vigentes no mundo; a dos países pobres, implementar uma rápida industrialização de alto impacto ecológico e humano. Nenhuma proposta menos maniqueísta surgiu nessa ocasião, afastando todos de uma solução mundialmente aceitável.

O SINAL DE ALERTA

O alerta foi dado no início da década de 1970. Em 1972 foi realizada a conferência das nações unidas sobre o meio ambiente, em Estocolmo Suécia. Nesse encontro nasceram as primeiras polêmicas sobre o antagonismo entre o desenvolvimento e o meio ambiente. Nesse mesmo ano. Uma entidade formada por importantes empresários, chamada clube de Roma, encomendou ao prestigiado Massachusetts Institute of Techonology (MIT) EUA, um estudo que ficou conhecido com desenvolvimento zero.

- Tal estudo alertava o mundo para os problemas ambientais globais causados pela sociedade urbano-industrial e propunha o congelamento do crescimento econômico como única solução para evitar que o aumento dos impactos ambientais levasse a uma tragédia ecológica mundial. Obviamente essa era uma péssima solução para os países subdesenvolvidos, que mais necessitavam de crescimento econômico para promover a melhoria de qualidade de vida da população.
- Na época, a crise econômica mundial dos anos 1970, provocada pelo choque do petróleo, colocou questões econômicas mais urgentes para os governantes do mundo inteiro se preocupar. Somente no início dos anos 80 a polêmica desenvolvimento e meio ambiente seria retomado.

RIO 92: PERSPECTIVAS PARA O FUTURO.

- A conferência das nações unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento, realizada no rio de janeiro em 1992, reuniu chefes de estados da maioria dos países do mundo, além de milhares de representantes de organizações não-governamentais (ONGs), numa conferência paralela. Esse encontro que na fase preparatória teve como subsídio o relatório Brundtland, definiu uma série de resoluções, visando alterar o atual modelo consumista de desenvolvimento para outro, ecologicamente mais sustentável.
- O objetivo central era tentar minimizar os impactos ambientais no planeta, garantindo, assim, o futuro das próximas gerações. Segundo o relatório da CMMAD: "desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidades de as gerações futuras satisfazerem suas próprias necessidades". Para atingir tal fim, foram elaboradas duas convenções, uma sobre biodiversidade, e outra sobre mudanças climáticas, uma declaração de princípios e um plano de ação.
- O plano de ação ficou conhecido como agenda 21, um ambicioso programa para a implantação de um modelo de desenvolvimento sustentável em todo o mundo durante o século XXI. Esse objetivo, no entanto, requer volumosos recursos e os países desenvolvidos se comprometeram em canalizar o,7% de seus PIBs. Com o objetivo básico de fiscaliza a agenda 21, foi criada a comissão de desenvolvimento sustentável (CDS), o órgão sediado em nova York e vinculado a ONU, agrega 53 países membros, entre os quais o Brasil. Os países desenvolvidos, contudo não estão cumprindo o compromisso, com raras exceções como os países nórdicos.
- A convenção sobre biodiversidade traçou uma série de medidas para a preservação da vida no planeta. Em vigor desde 1993, essa convenção tentou frear a destruição da fauna e flora, concentradas principalmente nas florestas tropicais, as mais ricas em biodiversidades do planeta.
- A ECO/92 OU RIO/92: realizada no Brasil (RJ) em 1992 pelas Nações Unidas, faz um balanço do que foi discutido na conferencia de Estocolmo/72 e dos avanços nos impactos ambientais no globo, destacando a elaboração da "Agenda 21", como suporte para implementação do desenvolvimento sustentável no mundo.

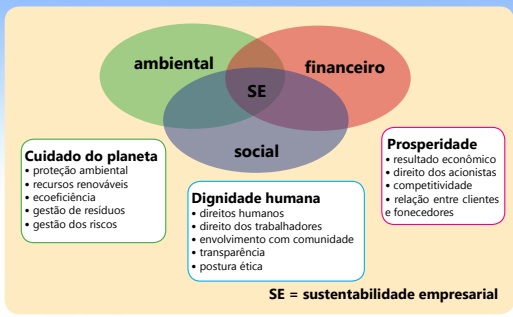
ECO 92: A AGENDA 21

- É um programa de ação, baseado num documento de 40 capítulos, que constitui a mais ousada e abrangente tentativa já realizada de promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.
- Trata-se de um documento consensual para o qual contribuíram governos e instituições da sociedade civil de 179 países num processo preparatório que durou dois anos e culminou com a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), em 1992, no Rio de Janeiro, também conhecida por ECO-92.



ECO 92: DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: *Tripé da sustentabilidade empresarial*

- Desenvolvimento sustentável é a forma de desenvolvimento que não agride o meio ambiente de maneira que não prejudica o desenvolvimento vindouro, ou seja, é uma forma de desenvolver sem criar problemas que possam atrapalhar e/ou impedir o desenvolvimento no futuro.



- O desenvolvimento atual, apesar de trazer melhorias à população, trouxe inúmeros desequilíbrios ambientais como o aquecimento global, o efeito estufa, o degelo das calotas polares, poluição, extinção de espécies da fauna e flora entre tantos outros. A partir de tais problemas pensou-se em maneiras de produzir o desenvolvimento sem que o ambiente seja degradado. Dessa forma, o desenvolvimento sustentável atua por meio de alguns aspectos:
- Atender as necessidades fisiológicas da população;
- Preservar o meio ambiente para as próximas gerações;
- Conscientizar a população para que se trabalhe em conjunto;
- Preservar os recursos naturais;
- Criar um sistema social eficiente que não permite o mau envolvimento dos recursos naturais;
- Criar programas de conhecimento conscientização da real situação e de formas para melhorar meio ambiente.
- O desenvolvimento sustentável não deve ser visto como uma revolução, ou seja, uma medida brusca que exige rápida adaptação e sim uma medida evolutiva que progride de forma mais lenta a fim de integrar o progresso ao meio ambiente para que se consiga em parceria desenvolver sem degradar.

RIO+10: JOHANNESBURGO ÁFRICA DO SUL 2002

- A segunda cúpula mundial sobre o desenvolvimento sustentável foi convocada em agosto de 2002 para a implementação das propostas da "Agenda 21". A concretização da 1ª cúpula - "Rio 92" - era tão restrita que o objetivo principal da 2ª cúpula não foi elaborar novas propostas mas, antes de tudo, pôr em prática o que tinha sido definido 10 anos antes. Parecia que, em matéria de desenvolvimento sustentável, nada significativo tivesse sido alcançado na década de 90.
- "Rio 92" tinha sido um relativo sucesso. A "Agenda 21" propunha 2.500 medidas, elaborando um quadro geral para responder ao conceito, então novo, do Desenvolvimento Sustentável. Cada país devia elaborar a sua própria "Agenda 21", adaptada à sua realidade. Na dinâmica da caída do muro de Berlin, o tema da sustentabilidade surgia como nova prioridade para o futuro da humanidade. Além da "Agenda 21", duas Convenções sobre o clima e a biodiversidade propunham metas mais concretas. As ONGs e os movimentos sociais foram convidados a participar na elaboração dos objetivos; fizeram muitas propostas e publicaram a bela 'Carta da Terra'.
- No entanto, o caminho do Rio até Johannesburgo não foi bem aquele esperado. Houve altos e baixos, tanto do lado dos governos como da parte da sociedade civil. Na "Rio + 5", em 1997, em Kyoto (Japão), a avaliação da aplicação das propostas do Rio deixou claro que a implementação da Agenda 21 era bastante deficiente na maioria dos países

QUAIS OS OBJETIVOS DESSA CÚPULA?

- Oficialmente, o tema da cúpula de Johannesburgo era o do Desenvolvimento Sustentável. No "relatório Brundtland" à ONU em 1987, o conceito é definido como "um desenvolvimento que responda às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de responder às suas". Fundamenta-se na constatação de que "não se pode continuar assim". O conceito tenta articular o avanço econômico, a proteção ambiental e o progresso social.
- A cúpula não devia enfrentar apenas o problema da pobreza ou do livre comércio como o queriam uns e outros países, mas também os desafios da preservação ambiental. Inundações enormes na China, no Bangladesh, na América central e na Europa; securas e fomes no Sul da África, esses catástrofes naturais, resultados das mudanças climáticas, são a expressão mais direta das graves ameaças ambientais já existentes.
- "Rio + 10" visava primeiro promover a implementação das propostas da Agenda 21. Para isso, ao longo de 4 encontros preparatórios, a ONU preparou um longo "plano de ação" que devia ser o 'prato principal das negociações'. O objetivo era chegar a propostas precisas e concretas, com prazos e meios fixados.

Frente 01 Ficha 02

Degradação AMBIENTAL

AS POLÍTICAS AMBIENTAIS

1. ENERGIA.
• Ampliar acesso a formas modernas de energia, mas sem prazos nem metas específicas;
• Derrotada proposta do Brasil e da União Européia para fixar meta global de 10% - 15% de fontes renováveis de energia;
• Anunciadas parcerias com países pobres no valor de US$ 769 milhões.
PROBLEMA: Um terço da população, ou 2 bilhões de pessoas, não têm acesso a energia moderna, como eletricidade e combustíveis fósseis.

2. MUDANÇA CLIMÁTICA.
• Canadá, Rússia e China anunciaram que deverão ratificar o Protocolo de Kyoto (tratado para conter o efeito estufa) - Problema: Temperatura média da atmosfera global deve subir até 5,8ºC – até o ano 2100, se nada for feito para conter emissão de CO2

3. ÁGUA.
• Cortar à metade, até 2015, número de pessoas sem acesso a água potável e esgotos;
• Anunciados projetos e parcerias que somam US$ 1,5 bilhão para alcançar esses objetivos entre países ricos e países pobres.
PROBLEMA: Em 2025, se nada for feito, 4 bilhões de pessoas (metade da população mundial) estarão sem acesso a saneamento básico.

4. BIODIVERSIDADE.
• Reduzir perda de espécies até 2004, mas sem meta específica;
• Reconhecimento de que países pobres precisarão de ajuda financeira cumprir o objetivo;
• Reconhecimento do princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres.
PROBLEMA: Até 50% das espécies poderiam desaparecer ou ficar em risco de extinção, até o final do século.
• Um quarto das espécies de mamíferos já ameaçados

5. PESCA.
• Restaurar estoques pesqueiros a níveis sustentáveis até 2015, onde for possível;
• Estabelecer áreas de proteção marinha até 2012.

PROBLEMA: Regiões tradicionais de pesca, como a do bacalhau no Atlântico Norte, já entraram em colapso, com perda de 40 mil empregos no Canadá

6. AGRICULTURA
• Apoio à eliminação de subsídios agrícolas que afetam exportações de países pobres, mas sem metas nem prazos.
PROBLEMA: Países ricos subsidiam seus agricultores com mais de US$ 300 bilhões por ano Reafirmado compromisso da Eco-92 de destinar 0,7% do PIB de países ricos para o combater a destruição ambiental.

CONFERÊNCIAS MUNDIAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS (COP)

O PROTOCOLO DE KYOTO



- O Protocolo de Kyoto é um acordo internacional para reduzir as emissões de gases estufa dos países industrializados e para garantir um modelo de desenvolvimento limpo aos países em desenvolvimento.
- O documento prevê que, entre 2008 e 2012, os países desenvolvidos reduzam suas emissões em 5,2% em relação aos níveis medidos em 1990.
- O Protocolo de Kyoto foi o resultado da 3ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, realizada no Japão, em 1997, após discussões que se estendiam desde 1990. A conferência reuniu representantes de 166 países para discutir providências em relação ao aquecimento global.
- O documento estabelece a redução das emissões de dióxido de carbono (CO^2), que responde por 76% do total das emissões relacionadas ao aquecimento global, e outros gases do efeito estufa, nos países industrializados.
- Os signatários se comprometeriam a reduzir a emissão de poluentes em 5,2% em relação aos níveis de 1990. A redução seria feita em cotas diferenciadas de até 8%, entre 2008 e 2012.

O MAIOR POLUIDOR NÃO ASSINOU

O tratado foi estabelecido em 1997 em Kyoto, Japão, e assinado por 84 países. Destes, cerca de 30 já o transformaram em lei. Para entrar em vigor, porém, o documento precisa ser ratificado por pelo menos 55 países. Entre esses, devem constar aqueles que, juntos, produziam 55% do gás carbônico lançado na atmosfera em 1990. Os Estados Unidos - o maior poluidor - se negam a assiná-lo sozinho, o país emite nada menos que 36% dos gases venenosos que criam o efeito estufa. O acordo impõe níveis diferenciados de reduções para 38 dos países considerados os principais emissores de dióxido de carbono e de outros cinco gases-estufa.

Para os países da União Européia, foi estabelecida a redução de 8% com relação às emissões de gases em 1990. Para os Estados Unidos, a diminuição prevista foi de 7% e, para o Japão, de 6%. Para a China e os países em desenvolvimento, como o Brasil, Índia e México, ainda não foram estabelecidos níveis de redução.

Além da redução das emissões de gases, o Protocolo de Kyoto estabelece outras medidas, como o estímulo à substituição do uso dos derivados de petróleo pelo da energia elétrica e do gás natural.

Os EUA desistiram do tratado em 2001, alegando que o pacto era caro demais e excluía de maneira injusta os países em desenvolvimento. O atual presidente americano, George W. Bush, alega ausência de provas de que o aquecimento global esteja relacionado à poluição industrial.

Ele também argumenta que os cortes prejudicariam a economia do país, altamente dependente de combustíveis fósseis. Em vez de reduzir emissões, os EUA preferiram trilhar um caminho alternativo e apostar no desenvolvimento de tecnologias menos poluentes.

O QUE É O PROTOCOLO DE KYOTO?



O IMPASSE NO ACORDO

O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush declarou o acordo sobre o clima de Kyoto morto no início do ano de 2001. Apesar disso, 180 países se reunirem em Bonn no mesmo ano para tentar salvar o plano.

RÚSSIA PÕE FIM AO IMPASSE.

Em 2002, o impasse dava mostras de que poderia chegar ao fim com o apoio do Parlamento canadense, antes contrário ao documento. Só em 2004, no entanto, o pacto finalmente ganharia o pontapé final para a sua implementação com a adesão da Rússia. Para entrar em vigor e se tornar um regulamento internacional, o acordo precisava do apoio de um grupo de países que, juntos, respondessem por ao menos 55% das emissões de gases nocivos no mundo – com a entrada da Rússia, o segundo maior poluidor, responsável por 17% delas, a cota foi atingida. Até então, apesar da adesão de 127 países, a soma de emissões era de apenas 44%.

Com a Rússia, esse índice chega a 61%. Muito comemorada, a entrada da Rússia, no entanto põe em evidência a questão do impacto do protocolo nas economias, motivo pelo qual a Austrália também se mantém de fora do acordo. O presidente russo Vladimir Putin só decidiu aderir ao descobrir que o pacto poderia servir de moeda de troca, junto à União Européia (a maior defensora do acordo), para seu ingresso na Organização Mundial do Comércio.

Uma das idéias disseminadas pelo Protocolo de Kyoto para amenizar os prejuízos causados pela incalculável quantidade de dióxido de carbono já emitida pelos países desenvolvidos é o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL). O objetivo do MDL é estimular a produção de energia limpa, como a solar e a gerada a partir de biomassa, e remover o carbono da atmosfera. Neste campo, chamado sequestro de carbono, os principais planos consistem no replantio de florestas que, ao crescer, absorvam CO^2 do ar.

O PROTOCOLO DE KYOTO DIVIDE OS PAÍSES EM DOIS GRUPOS:

Os que precisam reduzir suas emissões de poluentes e os que não têm essa obrigação. O Brasil está no segundo grupo que irá receber para não poluir mais e para tirar da atmosfera, com suas florestas e matas, o dióxido de carbono.

O Homem lança 7 bilhões de toneladas de CO2 por ano e uma maneira de compensar isto é a criação de projetos de redução de emissões de gases do efeito estufa. Através dos Mecanismos de Desenvolvimento Limpo (MDL), os países desenvolvidos podem investir neste tipo de projeto em países em desenvolvimento e utilizar os créditos (Reduções Certificadas de Emissões – RCE) para reduzir suas obrigações.

MDL são medidas para reduzir as emissões de gases do efeito estufa e para promover o desenvolvimento sustentável em países em desenvolvimento, previstas pelo Protocolo de Kyoto. Hoje, os volumes mundiais do Mercado de Carbono são estimados em 1,5 bilhões de Euros por ano.

Os Créditos de Carbono são certifi cados que autorizam o direito de poluir. O princípio é simples. O Protocolo de Kyoto obrigou os países industrializados e responsáveis por 80% da poluição mundial a diminuírem suas emissões de gases formadores do efeito estufa, como o monóxido de carbono, enxofre e metano em 5,2%, base 1990, entre os anos de 2008 e 2012.

As empresas poluidoras compram em bolsa ou diretamente das empresas empreendedoras as toneladas decarbono seqüestradas ou não emitidas através de um bônus chamado Certifi cado de Redução de Emissões (CER). Cada tonelada de carbono está cotada hoje entre $15 e $18 euros (há um ano eram $5 euros), valor que deve ir a $ 30 ou $ 40 Euros entre 2008 e 2012, quando a economia de 5,2% tornar-se obrigatória.

EXEMPLO DE PROJETO: PROJETO CARBONO SOCIAL

Localizado na Ilha do Bananal, TO, esse projeto reúne as qualidades de sequestro de carbono em sistemas agroflorestais, conservação e regeneração florestal com enfoque principal no desenvolvimento sustentável da comunidade. A princípio o projeto não pretendia reivindicar créditos de carbono e foi financiado pela instituição britânica AES Barry Foundation e implementado pelo Instituto Ecológica. A meta inicial de conservação do estoque e sequestro de carbono era de 25.110.000 toneladas de C em 25 anos, mas pela não concretização de parcerias esse estoque de C foi drasticamente reduzido (Fixação de Carbono: atualidades, projetos e pesquisas, 2004; Carbono Social, agregando valores ao desenvolvimento sustentável, 2003).

Frente 01 Ficha 03

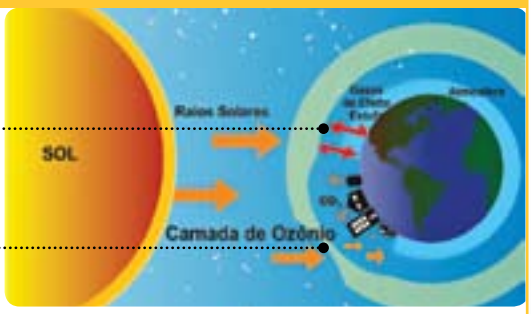
Problemas AMBIENTAIS

INTRODUÇÃO

1. EFEITO ESTUFA.
É o bloqueio dos raios solares refletidos pela terra em direção ao espaço.

CAUSA DO EFEITO ESTUFA:
Desenvolvimento do capitalismo; emissão em grande quantidade de gases poluentes para a atmosfera como, por exemplo: dióxido de carbono e óxido nitroso.

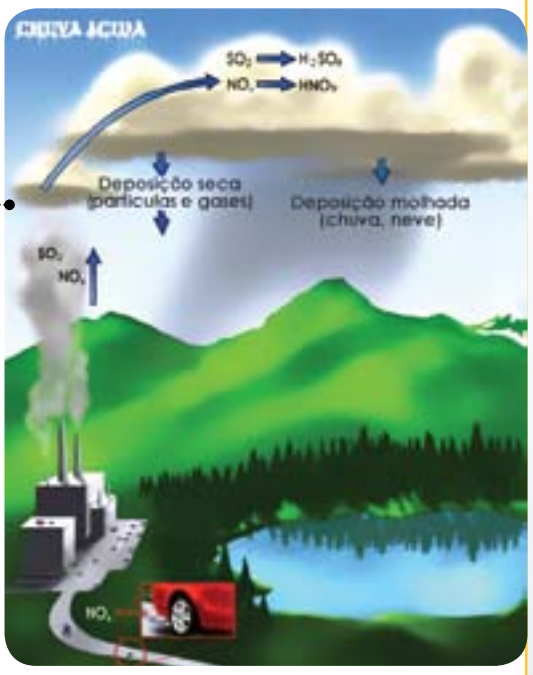
2. A CAMADA DE OZÔNIO.
Ozônio impede a passagem de grande parte da radiação ultravioleta emitida pelo sol.



2.1. O BURACO NA CAMADA DE OZÔNIO.
Organismo de defesa do planeta contra a maior penetração dos raios ultra-violetas do sol.

2.2 . CAUSA DA EXPANSÃO DO BURACO NA CAMADA DE OZÔNIO.
Redução da concentração de ozônio, devido a emissão de grandes quantidades de gases CFCs.

3. CHUVA ÁCIDA.
Ocorre quando temos a combinação de água da chuva, neblina, geadas ou neves com poluentes oriundos da queima de combustíveis fósseis: Provocando a precipitação de ácido sulfúrico e acido nítrico, isso ocorre em áreas altamente industrializada no mundo como um todo, seja país rico ou pobre.



4. DESERTIFICAÇÃO: CARACTERÍSTICAS.
• Formação de áreas desérticas em regiões onde anteriormente havia vegetação e solo fértil.
• Principais áreas de ocorrência desse fenômeno:
• Regiões áridas;
• Semi-áridas;
• Sub-umidas (pampas gaúchos);

CAUSAS DA DESERTIFICAÇÃO:
• Ação do homem sobre o meio ambiente:
• Desmatamento e queimadas
• Atividade agropecuária e mineração

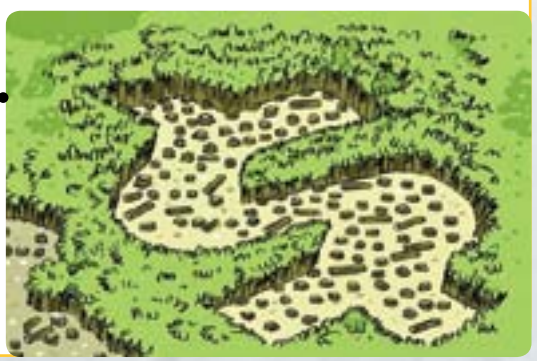
CONSEQUÊNCIAS DA DESERTIFICAÇÃO:
Diminuição da cobertura vegetal e surgimento de terrenos arenosos; assim como, Perda de água do subsolo; Erosão e diminuição da capacidade produtiva do solo;



***OBS**: em 1977 no Quênia primeira conferência mundial relacionada à questão.*

4. DESMATAMENTO NO MUNDO.
O desmatamento mundial das florestas não está relacionado apenas a questão do subdesenvolvimento econômico e social, pois as florestas dos países desenvolvidos em sua maioria já foram desmatadas, porém hoje esse tema recebe uma atenção incisiva pela comunidade mundial.

PRINCIPAIS CAUSAS DO DESMATAMENTO:
• Agricultura; Pecuária; Mineração; a Urbanização; a construção de Hidrelétricas; e a constantes Queimadas.



PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS DO DESMATAMENTO.
Extinção de espécimes (perda de biodiversidade); Proliferação e Pragas e doenças; aumento da temperatura mundial, Lixiviação; Laterização; Erosão do solo etc.

5. POLUIÇÃO DOS RIOS E MARES.

Provocada pela falta de uma consciência, no manuseio dos recursos hídricos em escala mundial;

CAUSAS DA POLUIÇÃO DOS RIOS E MARES:
• Lançamento de poluentes nos rios e mares;
• Drenagem excessiva dos recursos freáticos;
• Contaminação dos lençóis freáticos pelo chorume;
• Vazamento de produtos químicos;
• Contaminação dos mananciais das principais cidades "maré negra"; vazamento de petróleo nos oceanos,e maré vermelha aquecimento de água do mar que faz com que um tipo de água viva libere uma toxina nociva a saúde do mar e do homem.

CONSEQUÊNCIAS DESSA POLUIÇÃO:
Diminuição da água potável; e escassez de água para atividades produtivas, enchentes em cidades próximas a rios, perda da fauna e flora marinha, diminuição da biodiversidade.

PROBLEMAS AMBIENTAIS URBANOS E RURAIS:

1. ILHAS DE CALOR.
Ocorre em locais altamente urbanizados. Corresponde à variação de temperatura entre o centro e a periferia, isso ocorre devido, a grande emissão de gases poluentes nas áreas centrais, além de um grande número de poluentes lançados pela indústria e automóveis, outro fator é que a área central comportar a maior quantidade de concreto e asfalto, que acumulam calor com maior facilidade.
CONSEQUÊNCIA: Surgimento de micro climas; esse fenômeno é muito comum nos grandes centros industriais.

2. INVERSÃO TÉRMICA.
Corresponde a variação brusca de temperatura em determinado local, devido à troca do ar quente mais próximo do solo pelo ar frio da atmosfera. O que provoca uma variação de temperatura abruptamente. Esse fenômeno ocorre em grandes centros urbanos como a cidade de são Paulo no Brasil.

3. POLUIÇÃO SONORA.
Ocorre devido o barulho produzido pelos automóveis, máquinas etc.

4. POLUIÇÃO VISUAL.
Está ligado a utilização do espaço urbano pela propaganda como: Outdoors, placas, e cartazes.

5. LIXO URBANO.
Problema enfrentado por todas as cidades mundiais, porém nos países subdesenvolvidos ele se torna mais enfático, pois geralmente nesses países a deficiência em seus sistemas de tratamento e coleta de lixo. Devido a falta de uma política ambiental adequada, precariedade na coleta diária, e lixões a céu aberto e poucos aterro sanitários.

6. CONSEQUÊNCIAS PARA O AMBIENTE:
• Poluição das águas subterrâneas; chorume, Proliferação de insetos;
• Acumulo de material não-biodegradáveis;
• **Soluções para o problema do lixo:**
• Construção de aterro sanitário;
• Coleta seletiva (reciclagem),
• Construção de uma educação ambiental;

ATERRO SANITÁRIO.
O aterro sanitário é um local onde o lixo é enterrado em camadas alternadas de lixo e terra, evitando-se assim o mau cheiro e a proliferação de insetos. Na execução de um aterro sanitário, é importante impermeabilizar sua base para evitar a contaminação do subsolo e construir canais de drenagem para os gases e líquidos (chorume) que se formarão. O lixo que vai para o aterro sanitário são os não recicláveis, no entanto, é comum encontrar materiais recicláveis nos aterros, pois a coleta seletiva ainda não é realizada adequadamente.

INCINERAÇÃO.
Incineração é um processo que consiste em queimar o lixo em câmaras de incineração, reduzindo o número de resíduos e destruindo os microorganismos causadores de doenças.

COMPOSTAGEM.
Compostagem é um processo na qual o lixo passa por uma triagem e é divido em três partes: material orgânico, materiais não aproveitáveis e materiais recicláveis.

RECICLAGEM.
É um processo que reaproveita certos materiais com o intuito de reduzir a produção de lixos. É preciso nos conscientizar de que reciclar é importante para a vida do planeta, pois esta prática traz muitos benefícios, como a economia de energia, redução de poluição, limpeza e higiene das cidades, geração de empregos, entre outras.

Frente 01 Ficha 04

Os biomas TERRESTRES

PROBLEMAS AMBIENTAIS NO CAMPO

1. LIXIVIAÇÃO: Lavagem do solo pela água da chuva.

2. LATERIZAÇÃO: Passagem do solo produtivo para o solo não adequando a implantação de atividade econômica. (acidez do solo).

3. EROSÃO: Desmoronamento do solo após a lixiviação e Laterização.



Desmoronamento do solo após a lixiviação e leterização Biomas Mundiais

ECOSSISTEMA, UMA TEIA DE RELAÇÕES:

- O ecossistema inclui os seres vivos de uma comunidade em suas relações entre si e com o ambiente físico que ocupam, particularmente o clima e as condições de solo. Nas suas relações recíprocas, as plantas, os animais, as bactérias e os fungos fixam a matéria energia, garantindo equilíbrio ao ambiente e, portanto, uma certa estabilidade a tais relações.
- Na cadeia alimentar, os produtores (vegetais) usam a energia solar para realizar a fotossíntese e os elementos minerais para produzir matéria orgânica; os animais herbívoros, na condição de consumidores primários, adquirem parte de energia produzida ao se alimentarem desses vegetais; os consumidores secundários, por sua vez, são os animais carnívoros, que se alimentam dos herbívoros. Ao morrerem, produtores e consumidores fornecem alimento aos decompositores, que transformam matéria orgânica em inorgânica e produzem substâncias minerais que serão novamente absorvidas pelos vegetais na fotossíntese. O ciclo, então, se completa.
- Qualquer mudança num dos elementos do ecossistema, tais como: desmatamento, erosão, desertifi cação, bem como, a utilização de fertilizantes e agrotóxicos, rompe o equilíbrio e pode afetar o ciclo inteiro. Vale ressaltar que o crescimento dos centros urbanos ao longo da evolução do capitalismo afetam profundamente os ecossistemas naturais.

PRINCIPAIS ECOSSISTEMAS GLOBAIS.

- **As regiões tropicais**: São consideradas tropicais as regiões dominadas por massas de ar quentes e, em geral, úmidas tropicais e equatoriais, com temperatura média do mês mais frio igual ou superior a 18° C. Estão localizados nas baixas latitudes sem que, com tudo, coincidam exatamente com a área compreendida entre os dois trópicos, apesar de serem denominadas tropicais. Estas regiões compreendem duas grandes áreas bem defi nidas: as florestas equatoriais e tropicais e as savanas.

O DOMÍNIO DAS FLORESTAS EQUATORIAIS E TROPICAIS.

- **A floresta equatorial**, bem como o clima equatorial, está mais ou menos distribuída nas seguintes áreas verdes. Na imagem, vêem-se perfeitamente três grandes áreas mundiais de florestas equatoriais: na América do Sul, a Amazônia, a maior floresta equatorial e a mais conhecida; no Centro de África, a chamada floresta equatorial da bacia do Congo; e na Ásia, quase toda a região da Indonésia, bem como a Malásia, Filipinas e países vizinhos.
- As florestas equatoriais e tropicais localizam-se ao longo da faixa equatorial, alargando na costa oriental dos continentes até uma latitude norte e sul de aproximadamente 26°. Compreendem boa parte da América, da África e o Sul e Sudeste da Ásia.
- **O clima** é permanentemente quente e a variação anual da temperatura não ultrapassa 6° C. As chuvas são abundantes e nesse ambiente de calor e umidade desenvolve-se a maior variedade vegetal do planeta. Muitas são as espécies de valor econômico que permitem a extração de medeiras de lei (jacarandá, Mogno e etc.), de gomas resinas e outros produtos.



Baobá : essa é a arvore com o cujo tronco é considerado o mais grosso do mundo.





Os locais do bioma de savana, encontram-se distribuídos nas seguintes áreas do mundo

A RIQUESA DA FAUNA

■ A fauna é rica em répteis, ofídios, macacos, aves, borboletas, insetos e micróbios. Os solos das florestas equatoriais e tropicais são profundos e argilosos como consequência da decomposição química do material rochoso.
■ Quanto a sua fertilidade, estes são "pobres" e é a decomposição orgânica, vegetal desprendidas pela floresta que as sustenta. O desmatamento, principalmente quando seguido de culturas temporárias acelera a lixiviação que carrega os componentes nutritivos e ao remover a camada superficial, faz aflorar a laterita cujo o valor agrícola é quase nulo embora venha oferecendo um razoável aproveitamento para a formação de pastagens.

O DOMÍNIO DAS SAVANAS

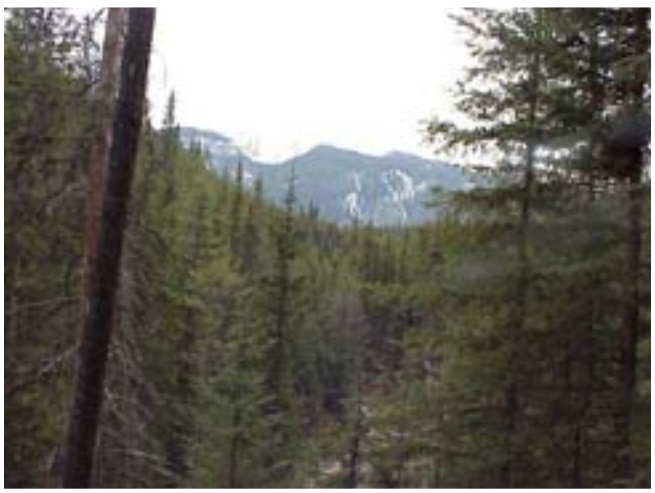
■ Pode-se dizer que a savana é uma formação vegetal herbácea (ervas) alta, atingindo nalgumas regiões os 2 metros de altura, e "salpicada" de algumas árvores e arbustos. Os arbustos são quase sempre espinhosos e as árvores, são, na sua grande maioria, de folha caduca, com troncos muito duros e revestidos de casca espessa. As raízes das plantas da savana são muito profundas e ramifi cadas, para poderem captar o máximo de água (que lhe permite sobreviver na estação seca).
■ As árvores mais típicas da savana são a acácia (que na imagem abaixo, onde se vê uma paisagem de savana, a árvore ao centro e a mais alta, é uma acácia) e o embondeiro (árvore de grande porte, também conhecido por baoba).
■ De ambos os lados da linha do equador tanto no hemisfério norte como no sul, onde o clima se caracteriza por apresentar uma estação seca e outra chuvosa, estende-se os domínios das savanas tropicais. As condições térmicas se assemelham as das áreas das florestas tropicais, exceto pela amplitude térmica anual que é maior, embora não chegue a ultrapassar 12º C. A vegetação campestre formada por ervas e gramíneas verdejantes no verão e ressequidas no inverno, porém as savanas baixas e altas cujas as espécies vegetais podem ultrapassar dois metros de altura. Ao longo dos vales fluviais, onde os recursos são permanentes alinha-se as matas-galerias como manifestaçoes terminais das florestas equatoriais e tropicais.
■ A savana típica encontra-se na África, nas zonas intermediárias entre florestas tropicais e os desertos subtropicais. Esse ambiente aberto constitui o habita de animais de grande porte como búfalo o elefante, a zebra, girafa e os grandes pedradores.



OS LOCAIS DO BIOMA DE SAVANA, ENCONTRAM-SE DISTRIBUÍDOS NAS SEGUINTES ÁREAS DO MUNDO:

OS DESERTOS E SEMI – DESERTOS.

■ No hemisfério norte, o domínio da aridez abrange o sudoeste dos Estados Unidos, o norte do México, o grande Saara e Península Arábica. Devido a influência dos maiores conjuntos orogênicos (processo de formação das cadeias montanhosas que aconteceu por desdobramentos de grandes pacotes de rochas sedimentares) da Ásia de centro-sul, essa faixa árida devia-se para o norte e alcança quase todas as áreas que vão até a Ásia central, na Mongólia (deserto de Góbi), incluindo tanto a Ásia menor quanto o noroeste da Índia e da China. No hemisfério sul, em face da existência de menos terra, as zonas áridas são menores. Abrange os desertos de Atacama e da Patagônia na América; o deserto de Kalahari no sudoeste africano e a maior parte do território da Austrália.
■ O que caracteriza as zonas áridas é a escassez de água com um total pluviométrico anual inferior a 500 mm mais muito mal distribuída. A falta de umidade do ar provoca uma grande variação anual e principalmente de diária da temperatura. A zona semi-árida representa a transição das savanas para o deserto. Predomina uma vegetação rasteira de gramíneas e ervas baixas que no conjunto não chegam a cobrir o solo. Essa é a chamada estepe semiárida.
■ Nas zonas propriamente desérticas, em que o total de chuvas anuais não ultrapassam os 250 mm a vegetação é extremamente pobre e ajustada ao regime pluvial. As regiões temperadas: As regiões temperadas localizam-se nas latitudes médias, principalmente entre os trópicos e círculos polares ocupando portanto, a maior parte da chamada zona temperada do norte. No hemisfério sul, essa região é pequena devido a inexistência de maior quantidade de terra em tais latitudes.
■ Podem-se considerar os seguintes limites das regiões temperadas: no sentido das baixas latitudes a temperatura média do mês mais frio é inferior a 18º C, o que significa a inexistência de uma estação fria por mais curta que seja; no sentido dos pólos a temperatura média do mês mais quente é superior a 10º C o que representa a possibilidade da pratica da agricultura em condições naturais em pelo menos uma época do ano.
■ As florestas de folhas caducas, os campos limpos e as florestas de coníferas constituem as regiões temperadas. A fauna dos desertos é representada por animais pouco exigentes em água e alimentos: algumas aves (como por exemplo a avestruz e o falcão), répteis (cascavel e monstrogila), roedores e insectos (como o escorpião). Em relação aos mamíferos, os mais típicos dos desertos, são o camelo e o dromedário, mas também existem outros, como a raposa. nas zonas de transição, ou mais nas estepes, surgem uma variedade de maior de animais. Devido às elevadas temperaturas registadas durante o dia, a grande parte dos animais dos desertos, são mais activos durante a noite.



floresta de coníferas ou floresta boreal.

Frente 01 Ficha 04

As catástrofes AMBIENTAIS

FLORESTAS DE FOLHAS CADUCAS

■ Em torno do paralelo de 40º onde as precipitações são bem distribuídas durante o ano, ocorrendo queda de neve durante o inverno, primitivamente dominavam grandes extensões de florestas abertas de espécies caducífolias, (plantas que perdem as folhas a partir do outono).
■ Compreendiam, no hemisfério norte, o nordeste dos Estados Unidos e o sudeste do Canadá; a maior parte da Europa Ocidental; o sul da Sibéria e parte do Japão e no hemisfério sul boa parte do Chile e centro – leste da Argentina, além na Nova Zelândia.
■ O clima corresponde ao temperado típico com quatro estações bem defi nidas ficando a temperatura média do mês mais frio entre 18º C e menos 3º C, enquanto a do mais quente é sempre superior a 10º C. Nessas condições a vegetação é constituída formações florestais de pouca espécies arbóreas como os carvalhos que se agrupam sem a densidade das selvas tropicais, onde a flora é rica e concentrada. Esse é o domínio natural mais alterado pela ação humana, a tal ponto que, das matas originais que encobriam quase toda a Europa Ocidental, o nordeste dos Estados Unidos e o sudeste do Canadá, poucas manchas restaram e são ainda preservadas.
■ Já foi referido que o bioma da floresta caducifólia, não corresponde totalmente às regiões de clima temperado marítimo. Assim, o mapa que se segue, diz respeito apenas às regiões do bioma de floresta caducifólia, embora nessas regiões estejam também áreas de clima temperado marítimo.



Bioma da floresta caducifólia: cerrado no começo do inverno

CAMPOS LIMPOS: PRADARIAS

■ Nas zonas temperadas semi-úmidas que tem uma estação desfavorável (muito seca ou muito fria), desenvolvem-se, em geral, uma vegetação rasteira que constitui os campos limpos, como por exemplo, a pradaria, encontrada Unidos e no centro sul do Canadá onde a pluviosidade é escassa numa das estações. O pampa platino, que cobre a porção central da Argentina, o Uruguai e o sudoeste do Rio Grande do Sul, também constitui uma pradaria em que a estação desfavorável é o inverno.



PRADARIA
■ Na Europa Oriental o inverno rigoroso caracteriza um clima temperado continental e a vegetação representada pela ESTEPE, cujo solo possui uma coloração escura denominado tchernoziom (terra negra).

ESTEPES NA MONGÓLIA

■ Em termos de distribuição geográfica do bioma de pradaria, e estepes estão localizados nas áreas assinaladas na figura.

FLORESTA DE CONÍFERA.
■ As florestas de coníferas desenvolvem-se na extremidade da zona temperada nas latitudes acima de 50º até as proximidades do circulo polar o que inclui uma larga faixa do Canadá e da Eurásia sendo praticamente inexistente no hemisfério sul. O clima é frio e úmido dominado principalmente por massas de ar polar com verões muito curtos e queda de neves de 3 até 6 meses no ano. A vegetação é constituída de florestas uniformes como os pinheiros. O tipo de solo de coloração claro conhecido como podzol é pouco favorável a agricultura. A maior floresta de conífera conhecida no mundo é a floresta boreal, localizada na parte Floresta Boreal acima dos trópicos:





BIOMA DA TAIGA



■ Embora existam áreas muito perto de zonas polares, o bioma que mais caracteriza o clima subpolar será, possivelmente, a taiga. A taiga não é mais do que uma designação para a floresta de coníferas (por os frutos das suas árvores se agruparem em pinhas de forma cônica). A taiga é a mais extensa floresta do mundo, estendendo-se nas regiões setentrionais da América, da Ásia e da Europa.

■ Trata-se duma floresta muito densa, que não possui grande variedade de espécies, sendo as mais vulgares o abeto, o pinheiro, o lariço e a bétula. O reduzido número de espécies e a predominância de árvores de folha persistente (as coníferas, de que o pinheiro é um exemplo, nunca perdem as folhas), fazem da taiga uma floresta monótona e sempre verde, quer no curto Verão, quer no Inverno. Porém, devido ao Inverno ser muito longo e frio, durante a maior parte do ano, a taiga está quase sempre coberta de neve. As coníferas agüentam muito bem o frio (até certos limites) porque, entre outras razões, as folhas pequenas e em forma de agulhas, possuem uma superfície pequena e portanto, a área exposta ao frio também é pequena, e perdem pouca água por transpiração; a sua resina protege os tecidos do frio e também ajuda a diminuir a transpiração; os ramos são muito flexíveis o que lhes permite resistir aos ventos.

LOCALIZAÇÃO.

■ Mais uma vez se lembra que este bioma não corresponde apenas ao clima subpolar. A taiga engloba partes do clima subpolar, do temperado continental e algumas espécies do clima polar.

SAIBA +

BIOMAS DA TUNDRA



■ Nas regiões de clima polar, a taiga dá lugar à tundra, que é uma formação vegetal muito rasteira, constituída por ervas, musgos e líquenes. Contudo, podem surgir na tundra, alguns raros e dispersos tufos de arbustos e árvores anãs. Formando uma paisagem bastante monótona (durante todo o ano é sempre tudo branco e muito plano, para onde quer que se olhe, é sempre a mesma paisagem - veja-se as imagens acima).

■ No curto "Verão", se assim se pode chamar, a tundra não forma um tapete herbáceo contínuo, mas antes alterna com superfícies pantanosas e/ou grandes extensões de rocha nua. Uma característica muito interessante e peculiar da tundra é o seu tipo de solo – o permafrost (à letra signifi ca sempre gelado) - que difi culta.

■ O crescimento de raízes e a absorção de nutrientes minerais. Por isso (aliado aos ventos intensos e temperaturas baixas), quase não existe vegetação arbustiva e arbórea. E, latitudes muito altas, para lá dos 800, a tundra vai-se tornando mais escassa, acabando por desaparecer, já que o solo também desaparece sob um espesso manto de gelo.

■ As zonas polares: Nas extremidades setentrionais dos continentes e nas bordas da Antártida onde a temperatura média do mês mais quente não a 10º C e onde o solo permanece coberto de gelo durante mais da metade do ano, desenvolve-se a Tundra , uma vegetação que cresce somente durante o curto verão. A diante das zonas de tundra nos hemisfério norte e em praticamente toda a Antártida, impera o domínio dos gelas eternos.

AS ALTAS MONTANHAS.

■ Estas zonas apresentam muito peculiares devido as condições do ambiente, pois a temperatura do ar diminui com a altitude. Mais é principalmente a umidade que vai dar a configuração a paisagem. As altitudes médias são dominadas, em geral, pela presença de florestas semelhantes as das planícies de mesma latitude visto que a umidade e as chuvas chegam até uma certa altura. Desse modo a cobertura vegetal é formada por uma vegetação herbácea e no máximo arbustiva.



■ Em modo geral, a vegetação dos climas de altitude, independentemente da região do Mundo, vai rareando conforma a altitude vai aumentando, de modo que em locais de "neves perpétuas", não se encontram praticamente nenhum ser vivo (tal como nas latitudes muito elevadas - perto dos 900).

■ Em termos animais, consoante a região do planeta, podem-se encontrar em locais de clima de altitude, o lama, a alpaca, a vicunha, a chinchila (pequeno roedor), o iaque (bovino), o condor, cabras de montanha, leopardo das neves, etc.

Frente 01 Ficha 05

Fontes de energia
POLÍTICAS

A GEOPOLÍTICA ENERGÉTICA CONTEMPORÂNEA

■ O século XX testemunhou a maior mudança nas fontes de energia que o mundo talvez tenha experimentado desde que o uso do fogo foi disseminado. Nos primeiros vinte e cinco anos do século, o carvão foi indiscutivelmente a principal fonte de energia para o mundo industrializado.

■ As necessidades energéticas dos grandes países podiam ser atendidas inteiramente por recursos internos ou suplementadas por fontes próximas (no caso do Japão). O carvão teria continuado a ser a principal fonte de energia se a descoberta de grandes quantidades de petróleo no sul da Rússia, no Oriente Médio e, mais tarde, nos Estados Unidos, não tivesse despertado rapidamente o interesse na facilidade comparativa de sua extração e transporte, e de sua conversão para atender a uma grande quantidade de necessidades.

■ O carvão, por outro lado, que havia sido a principal fonte de energia, ainda era responsável por 47 por cento do consumo mundial de energia em 1960, mas caiu para 30 por cento em 1976. Assim, a conveniência do petróleo, o fato de exigir uma quantidade mínima de mão-de-obra, o número extraordinário de aplicações, e talvez, mais importante de tudo, o fato de ser relativamente barato, mais o enorme aumento da capacidade de produção, e as descobertas de imensos depósitos – tudo se combinou para tornar o petróleo e seus derivados a forma mais desejável e mais importante de energia.

■ A decisão que levaria o petróleo a assumir, anos mais tarde, o primeiro lugar como fonte de energia foi tomada antes da Primeira Guerra Mundial, quando o Almirantado Britânico resolveu convencer sua esquadra de guerra para consumir óleo, uma decisão rapidamente imitada por todas as grandes potências da época. Esta medida resultou em toda uma série de fatores geopolíticos: o acesso ao petróleo impôs novos e importantes compromissos às políticas externa de defesa. Para os ingleses especialmente, dado o tamanho e o papel da Marinha Real, o Oriente Médio, que ainda era considerado como a "ponte" para a Índia e o Oriente, uma ponte a ser defendida contra as ambições dos russos, adquiriu um outro significado estratégico: o acesso aos campos de petróleo do Irã e do Golfo Pérsico.

■ Depois da Segunda Guerra Mundial, a ameaça da expansão soviética no Oriente Médio e a criação de Israel acrescentaram novas dimensões aos interesses norteamericanos.

A crescente importância atribuída ao petróleo no comércio internacional de energia expandiu rapidamente a lista de preocupações norte-americanas. Entretanto, os Estados Unidos não discutiram as implicações a longo prazo deste acentuado interesse pelo petróleo em geral, nem seu acesso exclusivo ao petróleo da Arábia Saudita.

A INDÚSTRIA INTERNACIONAL DE PETRÓLEO.

■ O papel que o petróleo ocupa no panorama energético mundial deve ser atribuído às companhias privadas de petróleo, especialmente às "grandes internacionais" cujos vastos capitais, capacidade empresarial, aplicação de capital e tecnologia à prospecção e exploração de petróleo, sistemas logísticos, instalações de processamento e sistemas de distribuição foram combinados em uma operação integrada de enorme influência e eficiência.

■ Desde o início, o controle de petróleo internacional pelas companhias inglesas e norte-americanas tem sido uma "constante"; em 1980, ainda é possível observar que não existem "competidores" próximos.

■ Além das medidas tomadas pelos governos dos países produtores para garantir o controle sobre a destinação do seu petróleo, as medidas dos governos dos países consumidores para limitar a liberdade das companhias internacionais de petróleo têm sido importantes, duradouras e bem-sucedidas, obrigando essas companhias a revelarem informações a respeito de preços, lucros e planejamento.

■ Assim, tanto os países produtores como os consumidores têm agido no sentido de diminuir a influência das grandes companhias internacionais de petróleo. Por outro lado, certas funções exercidas pelas "grandes" continuam a ser insubstituíveis: o controle da circulação mundial do petróleo e o acesso aos petroleiros, refinarias e mercados na escala gigantesca necessários para atender ao comércio mundial.

■ O papel dessas companhias como geradoras de capital diminuiu consideravelmente, pelo menos nos países produtores. As grandes companhias internacionais perderam grande parte do seu poder de decisão com relação ao volume de produção e aos preços, e estão começando a perder também a capacidade de fazer planos e assumir compromissos independentemente dos governos dos países consumidores.



A POLÍTICA DOS PAÍSES CARENTES DE ENERGIA

■ O Houve duas fases na história da política de petróleo desses países: Primeiro veio o período imperialista, no qual os governos e as companhias competiam pelas concessões de petróleo; o apoio governamental a esses acordos sempre foi considerado como a maior garantia de sua durabilidade. Naturalmente, para as companhias internacionais de petróleo, ontem e hoje dominadas pelos gigantes ingleses e norte-americanos, as prioridades estavam invertidas; seus interesses comerciais eram o fator mais importante; para elas. As rivalidades entre os países eram aspectos do eterno problema de acesso a volumes cada vez maiores de petróleo-para serem usados quando necessário. As companhias internacionais de petróleo não encorajaram seus governos a desenvolverem políticas energéticas que pudessem limitar a liberdade de ação considerada essencial para suas operações em escala mundial.

■ Apoio ou proteção dos governos? Sim. Orientação ou controle? Não.

■ A segunda fase-que começou no período entre as duas guerras mundiais - foi caracterizada pelo aparecimento de companhias estatais de petróleo, cujos objetivos eram os seguintes:

1) permitir a participação nacional no fornecimento de um produto cuja importância estava se tornando vital;

2) desafiar o monopólio inglês e norte-americano no comércio mundial de petróleo. No primeiro objetivo, a preocupação central era aumentar o controle sobre as atividades dos principais fornecedores e avaliar melhor as condições em que o petróleo estava sendo importado.

■ No segundo objetivo, os governos talvez mais por questões de prestígio do que para obter vantagens comerciais - encorajaram as atividades internacionais de companhias nacionais. Esses dois objetivos, muitas vezes interligados, têm aumentado de importância com o passar dos anos. A criação das companhias estatais de petróleo dos países consumidores ocorreu quase simultaneamente com o aparecimento das organizações dos países produtores, refletindo assim pelo menos um interesse comum nas condições em que se desenvolve o comércio mundial.

■ A participação dos governos dos países produtores e importadores de petróleo relegou a segundo plano os fatores puramente comerciais; o suprimento de petróleo se tornou um fator tão importante para a segurança nacional que outros fatores além da simples economia de mercado tiveram necessariamente de entrar em cena. Em consequência, os governos hoje em dia podem estar dispostos a usar de todos os meios a seu alcance para assegurar um suprimento adequado e contínuo a um preço aceitável; do ponto de vista de produtores e consumidores, outros interesses estão atualmente envolvidos no acesso ao petróleo: assistência militar - tecnologia, investimentos, objetivos econômicos e políticos, todos os quais complicam consideravelmente o contexto no qual os recursos energéticos são discutidos.

■ No processo, as companhias estatais de petróleo dos países consumidores começaram a adquirir a capacidade de agirem direta ou indiretamente como instrumentos de políticas que refletem uma faixa mais ampla de preocupações e que são menos egoístas ao ajudarem a fixar os lermos comerciais em que o petróleo é fornecido. Hoje em dia, esses termos são estabelecidos quase sempre pelas companhias estatais dos países produtores, e essas condições também podem refletir uma faixa muito grande de interesses dos produtores, dos quais o "comércio", embora importante, é apenas um dos aspectos.

■ Dada a existência desses aspectos não comerciais do petróleo, as complexidades envolvidas no processo de tentar assegurar o suprimento se tornaram evidentes nas negociações que levaram â criação da Agência Internacional de Energia para as nações consumidoras importadoras. O propósito ostensivo da AIE era chegar a um acordo quanto à forma mais justa de dividir O petróleo disponível em caso de outra emergência; já foram aprovadas algumas medidas, como a de estabelecer um programa de estoques de emergência que no futuro poderá atender a noventa dias de consumo. Entretanto, desde a ocasião em que o governo norte-americano começou a apoiar a criação da AIE, os países consumidores ficaram com receio (e ainda estão) de que se ocorrer outro corte ou embargo, os Estados Unidos serão provavelmente o alvo principal, e portanto a participação de outros países em um acordo desse tipo trará mais desvantagens do que vantagens.

■ Por trás da clara hesitação dos consumidores em se comprometerem de antemão a compartilhar o petróleo com outros, estava a questão mais básica: A AIE não seria encarada como um "desafio" pelos países produtores? Não estariam a Europa e o Japão arriscando muito mais que os Estados Unidos? Graças principalmente à habilidade de Etienne Davignon, que convenceu o Mercado Comum, a AIE foi criada e passou a constituir um dos alicerces fundamentais da estratégia dos Estados Unidos para "lidar com a OPEP", isto é, uma frente unida de países consumidores.

■ Entretanto, nenhum membro da AIE deixa de reconhecer que a diplomacia, a política, a energia e a economia estão indissoluvelmente ligadas, e que a AIE pouco poderá fazer sozinha, a não ser que muitas outras medidas sejam tomadas para persuadir os países produtores a atenderem à demanda cada vez maior de petróleo dos países industrializados.

■ As tentativas neste sentido começaram em dezembro de 1975 em Paris. Com o lançamento da Conferência de Cooperação Econômica Internacional, uma iniciativa da Arábia Saudita e da França, começou o processo de discussão das questões interligadas de energia, outros bens primários, desenvolvimento econômico e questões financeiras.

■ As teses da CCEI foram combatidas inicialmente, e, segundo alguns, permanentemente pelos Estados Unidos, mas foram apoiadas por outros países, que as consideravam, pelo menos, como uma forma de evitar o "confronto" e de chegar possivelmente a um entendimento mais satisfatório, do qual o acesso confiável ao suprimento energético fosse uma parte importante. Trata-se de outro esforço para estabelecer uma relação mais satisfatória para ambas as partes entre os fornecedores e os consumidores de matérias-primas que o antigo sistema imperialista. O sucesso da CCEI não esta assegurado; grandes interesses estão em jogo, e talvez não seja possível conciliar a todos.

BR PETROBRAS

A POLÍTICA DOS PAÍSES PRODUTORES

■ Quanto à evolução da política dos países produtores, a observação crítica é que cada país exportador de petróleo (inclusive quase todos os pequenos produtores) passou por uma variedade de experiências colonialistas sob o controle de um dos impérios ocidentais; se o país não era uma colônia no sentido formal da palavra, seus lideres e seu povo provavelmente se consideravam como colônias. Como em muitos casos o início da exploração do petróleo teve lugar durante uma experiência neocolonialista, a nacionalização do controle da extração de petróleo foi encarada por esses povos como o sinal do fim de uma era.

■ Assim, praticamente para todos eles, o "petróleo" tem um significado profundo em sua emancipação política e econômica. A lista inclui o México, a Venezuela, a Argélia, a Líbia, o Irã, o Iraque, o Kuwait, a Indonésia e a Malásia.

■ Ao libertar-se de uma relação "colonial" e assumir o controle sobre a exploração do petróleo. Durante as últimas décadas, fora do Oriente Médio e do mundo ex-comunista, não foram descobertas grandes reservas de petróleo, a não ser na Líbia, Nigéria, Mar do Norte, Alasca e Méxíco. Atualmente as descobertas do Présal implicam tecnologias de perfuração dispendiosas e estão ainda numa fase de extração em nível pouco alargado.

■ Uma estimativa conservadora do tempo necessário para explorar "provar" desenvolver e produzir uma quantidade significativa de petróleo para o comércio mundial é de cinco a dez anos. É extremamente improvável que essas descobertas resultem em uma produção capaz de superar o aumento da demanda mundial de petróleo e inverter a tendência da relação reservas/produção, de modo a assegurar o suprimento até o final do século.

■ Atualmente, a OPEP é menos importante que a OPAEP. Mais exatamente, a capacidade de produção ociosa da Arábia Saudita e sua produção potencial são as mais importantes. A Arábia Saudita produz atualmente cerca de 9,5 MBD; sua capacidade de produção atual é estimada em 11,5 MBD; e sua produção potencial pode chegar a 20 MBD ou mais. Assim, qualquer decisão saudita a respeito de volumes e preços é muito importante.

■ O problema principal da Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo (OPAEP) é a possível diversidade de interesses dos países do Golfo Pérsico, especialmente o Iraque, o Irã, O Kuwait, e a Arábia Saudita, e os problemas e oportunidades que isto pode apresentar para as grandes potências industrializadas.

■ As companhias internacionais de petróleo continuam a desempenhar um papel essencial tanto para os países produtores como para os consumidores, graças aos seus sistemas logísticos e ao acesso a instalações de processamento, que lhes permitem manipular grandes volumes de petróleo. Pelo menos 80 por cento do comércio mundial de petróleo (28 MBD) é de responsabilidade dessas companhias. Em vinte e quatro horas, essas companhias transportam cerca de um bilhão de barris de petróleo de um local para outro.



A IMPORTÂNCIA GEOPOLÍTICA

A GEOPOLÍTICA DO PETRÓLEO: UMA LUTA GLOBAL

DO PETRÓLEO RESULTA DE DOIS FATORES PRINCIPAIS:

■ O petróleo, como combustível e matéria-prima, é o sangue das economias industrializadas;

■ As reservas e a produção de petróleo tendem a se concentrar em certos países menos desenvolvidos. Com efeito, as reservas e produção de petróleo são mais abundantes em um pequeno número de países em desenvolvimento, enquanto que a necessidade de um suprimento adequado e continuado de petróleo em grandes volumes é mais urgente nos países desenvolvidos, industrializados.

Nenhuma outra das principais potências mundial é capaz de igualar os Estados Unidos na hora de deslocar a sua capacidade militar na luta pela proteção das matérias-primas de vital importância. No entanto, as outras potências estão a começar a desafi ar o seu domínio de várias maneiras. A China e a Rússia em especial estão a proporcionar armas aos países em desenvolvimento produtores de petróleo e gás, e estão também a começar a melhorar a sua capacidade militar em zonaschave de produção energética.

A ofensiva chinesa para ganhar acesso às reservas estrangeiras é evidente em África, onde Pequim estabeleceu vínculos com os governos produtores de petróleo da Argélia, Angola, Chade, Guiné Equatorial, Nigéria e Sudão. A China também procurou acesso às abundantes reservas minerais africanas, perseguindo as reservas de cobre na Zâmbia e no Congo, como no Zimbábue e um leque de diversos minerais na África do Sul. Em cada caso os chineses atraíram o apoio desses países provedores com uma diplomacia ativa e constante, ofertas de planos de assistência para o desenvolvimento e empréstimos a baixo juro, vistosos projetos culturais e, em muitos casos, armamento. A China é agora o maior fornecedor de equipamento de combate básico para muitos desses países, e é especialmente conhecida pela sua venda de armas ao Sudão, armas que têm sido empregues pelas forças governamentais nos seus ataques contra as comunidades civis do Darfur.



Aplicações no Caderno de Exercícios

O mesmo processo está a ter lugar em grande medida na Ásia Central, onde a China e a Rússia cooperam sob os auspícios da Shanghai Cooperaion Organization (SCO) para proporcionar armamento e assistência técnica aos países da Ásia Central (Casaquistão, Uzbequistão, Turquemenistão, Taiquistão e Kirguizistão). O resultado de tudo isso foi uma paisagem geopolítica muito mais competitiva, com a e a China, unidas através da SCO, ganhando terreno na sua ofensiva para minimizar a influência norte-americana na região.

Uma mostra clara desta ofensiva foi o exercício militar que a SCO levou a cabo no último verão, o primeiro desta natureza, em que participaram todos os estados membros. As manobras envolveram 6.500 membros no total, procedentes do pessoal militar da China, Rússia, Cazaquistão, Kirguisistão, Taiquistão e Uzebequistão, e indicativo dos esforços chineses e russos para melhorar as suas capacidades militares, pondo forte ênfase no que se refere às suas forças de assalto a longa distância. Pela primeira vez, um contingente de tropas chinesas aerotransportadas foi deslocada fora do território chinês, um sinal claro da crescente autoconfiança de Pequim.

Uma situação que chama atenção e inclusivamente mais perigosa é a que existe na Geórgia, onde os Estados Unidos apóiam o governo pro-ocidental do presidente Mijail Saakashvili com armamento e apoio militar, enquanto a Rússia dá o seu apoio a legiões separatistas de Abkazia e Ossétia do Sul. A Geórgia joga um papel estratégico importante para os dois países porque alberga o oleoduto Baku-Tbilisi-Cheyan (BTC), um conduto apoiado pelos Estados Unidos que transporta petróleo do Mar Cáspio para os mercados ocidentais. Atualmente há conselheiros e instrutores militares norte-americanos e russos nas duas regiões, em alguns casos têm até contato visual uns com os outros. Não é difícil, portanto, conjecturar um cenário no qual um choque entre as forças separatistas e a Geórgia conduza, queira ou não, a um choque entre soldados russos e americanos, dando lugar a uma crise muito maior, como o que iria acontecendo em 2007 na Ossétia do Sul. É essencial que a América inverta o processo de militarização da sua dependência da energia importada e diminua a sua competição com a China e a Rússia pelo controle de recursos estrangeiros. Fazendo-o, poderia canalizar o investimento para as energias alternativas, o que levaria a uma produção energética nacional mais efetiva (com uma descida de preços a longo prazo) e uma fantástica oportunidade para reduzir a alteração climática.

Qualquer estratégia tendente a reduzir a dependência da energia importada, especialmente o petróleo, deve incluir um aumento do gasto em combustíveis alternativos, sobretudo, fontes renováveis de energia (solar e eólica), a segunda geração de biocombustíveis (feitos a partir de vegetais não comestíveis), a gaseificação do carbono capturando as partículas de carbono no processo (de modo a que nenhuma dioxina de carbono escape à atmosfera, contribuindo para o aquecimento do planeta) e células de combustível de hidrogênio, juntamente com transportes públicos avançados. A ciência e a tecnologia para aumentar esses avanços encontra-se já disponível na sua maior parte, mas não as bases para conduzi-la do laboratório ou da etapa de projeto-piloto para o seu desenvolvimento completo. O desafio é, então, o de reunir os milhares de milhões – talvez bilhões – de dólares que são necessários para isso.



Frente 02 Ficha 01

As Revoluções INDUSTRIAIS

A INDÚSTRIA AO LONGO DA HISTÓRIA

A indústria nem sempre teve a mesma forma de organização, nem as feições ou características que apresenta hoje. Antes da indústria moderna, a produção de bens necessários era feita manualmente, esse foi o longo período do artesanato e da manufatura que se estendeu da antiguidade até a revolução industrial iniciada no contexto do século XVIII. O processo industrial se iniciou com o surgimento da primeira máquina à vapor, dando início a maquinofatura. Mas o processo de industrialização não ocorreu de forma homogênea em todo espaço mundial: ainda hoje o fenômeno industrial continua de certa forma, circunscrito a alguns lugares, com destaque aos países centrais.

A indústria mesmo restrita a alguns lugares estabelece uma teia de relações em âmbito local regional e mundial. No entanto, a indústria se apresenta concentrada em determinados espaços em função dos fatores locacionais, ou seja, elementos ou condições necessárias para tais atividades se estabelecerem em alguns lugares.

■ Os Fatores Locacionais

Os fatores locacionais variam ao longo do tempo e do espaço e do tipo de indústria que se deseja instalar. Os principais fatores que atraem indústrias são de modo geral: matérias primas; mão-de-obra barata e relativamente qualificada (baixa remuneração); mão-de-obra muito qualificada (alta remuneração); mercado consumidor; infra-estrutura de transporte; redes de telecomunicações; incentivos fiscais e disponibilidade de água.

Essas vantagens locacionais estão ligadas ao tipo de indústria e ao grau tecnológico empregado na produção de cada bem industrial ou mesmo em partes destes.

Durante a primeira Revolução Industrial (do final do século XVIII até meados do século XIX) as jazidas de carvão mineral



eram um dos fatores mais importantes para a localização de uma indústria, assim como tal recurso era a principal fonte de energia usada nas máquinas. Em função disso, as bacias carboníferas da Inglaterra (yorshire, lancashire), da França (Pas de calais e Alsácia-lorena) e da Alemanha (vale do Ruhr e Sarre) se transformaram nas principais regiões industriais desse período.

Com a segunda revolução industrial, na segunda metade do século XIX, outras fontes de energia foram utilizadas, como o petróleo e a energia elétrica. Além disso, o petróleo é matéria prima para fabricação de alguns produtos industrializados como, plástico, borrachas sintéticas, fertilizantes, tintas, cosméticos etc. O fato de essas novas fontes energéticas serem mais facilmente transportadas possibilitou o desenvolvimento de outras zonas industriais, provocando maior dispersão industrial das fábricas.

A PRIMEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Quanto à diferença entre a primeira, segunda e terceira revolução industrial, pode-se afirmar que cada uma delas assinalou um momento do desenvolvimento tecnológico.

A primeira Revolução Industrial foi a etapa que ocorreu em meados do século XVIII até por volta, aproximadamente dos anos de 1870. O Reino Unido foi indiscutivelmente a grande potência industrial no mundo nesse período, disseminando-se, também para outros países da Europa ocidental, pelo Japão, pelos EUA e Canadá. Nesse contexto as bases técnicas da indústria eram relativamente simples



Crianças operárias em indústrias francesas

Predominavam a máquina à vapor e a indústria têxtil e a fonte energética era o carvão mineral. As empresas eram, geralmente, pequenas e médias, típicas do **capitalismo liberal** ou **concorrencial**, ou seja, da fase do capitalismo em que a **presença do Estado era mínima** e as grandes empresas monopolistas praticamente inexistiam.

A SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A segunda revolução industrial ocorreu a partir da segunda metade do século XIX, quando outros países como Alemanha e EUA se tornam potências industriais, juntando-se à França e do Reino Unido. Esse período, que se destacou pelo descobrimento da eletricidade e do motor elétrico, perdurou até meados do século XX.

A Segunda Revolução Industrial, foi um aprimoramento e aperfeiçoamento das tecnologias da Primeira Revolução, envolvendo uma série de desenvolvimentos dentro da indústria química, elétrica, de petróleo e de aço. Outros progressos essenciais nesse período incluem a introdução de navios de aço movidos a vapor, o desenvolvimento do avião, a produção em massa de bens de consumo, o enlatamento de comidas, refrigeração mecânica e outras técnicas de preservação e a invenção do telefone eletromagnético.

Durante a Segunda Revolução Industrial, a população urbana superou o contingente populacional do campo, fazendo crescer a importancia de metrópolis.

O surgimento das grandes empresas monopolistas demarca o início do capitalismo monopolista, caracterizado pela forte presença do Estado na economia e pelo surgimento de inúmeras grandes empresas, com a formação de cartéis e monopólios.

O carvão, ainda importante foi aos poucos sendo substituído pelo petróleo, que com o advento da indústria automobilística, se tornou a principal fonte de energia do mundo. A indústria têxtil perdeu espaço, e um dos setores mais importantes passou a ser a petroquímica e, em particular, a indústria automobilística.

A Segunda Revolução Industrial durou até da década de 1970, pelo menos nos países desenvolvidos. Em muitos países subdesenvolvidos ela nem sequer começou, ou então se encontra num estágio inicial. O seu apogeu ocorreu após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, especialmente, nas décadas de 1960 e 1970, ocasião em que o poderio das indústrias automobilísticas e petroquímicas (e também do fordismo) atingiu seu auge.



Modelo ***T*** - Ford

CARTEL TRUSTE E HOLDING

Cartel: Associação entre empresas do mesmo ramo de produção com objetivo de dominar o mercado e disciplinar a concorrência. As partes entram em acordo sobre o preço, que é uniformizado geralmente em nível alto, e quotas de produção são fixadas para as empresas membro. No seu sentido pleno, os cartéis começaram na Alemanha no século XIX e tiveram seu apogeu no período entre as guerras mundiais. Os cartéis prejudicam a economia por impedir o acesso do consumidor à livre-concorrência e beneficiar empresas não-rentáveis.

Portanto, em um cartel empresas de um mesmo setor estabelecem acordos informais para dividir mercados e combinar preços (proibidos por lei). Cartéis são considerados a mais grave lesão à concorrência e prejudicam consumidores ao aumentar preços e restringir oferta, tornando os bens e serviços mais caros ou indisponíveis.

Ao artificialmente limitar a concorrência, os membros de um cartel também prejudicam a inovação, impedindo que novos produtos e processo produtivos surjam no mercado. Cartéis resultam em perdas de bem-estar do consumidor e, em longo prazo, perda de competitividade da economia com o um todo. Exemplo: cartel dos países produtores de petróleo, cartel dos fabricantes de cimento, cartelização das companhias aéreas.

Truste: Reunião de empresas que perdem seu poder individual e o submetem ao controle de um conselho de trustes. Surge uma nova empresa com poder maior de influência sobre o mercado. Geralmente tais organizações formam monopólios. Os trustes surgiram em 1882 nos EUA, e o temor de que adquirissem poder muito grande e impusessem monopólios muito extensos fez com que logo fossem adotadas leis antitrustes, como a Lei Sherman, aprovada pelos norte-americanos em 1890.

Portanto, na formação do truste há a reunião de empresas que perdem seu poder individual. Uma empresa grande controla uma parcela significativa do mercado sendo capaz de impor preços e dificultar a competição. A empresa que compra ou prejudica as concorrentes para controlar parcelas cada vez maiores do mercado. Exemplo: atuação da Microsoft ou mesmo do Google adquirindo novas empresas.

Holding: Consiste no agrupamento de grandes sociedades anônimas. Sociedade anônima é uma designação dada às empresas que abrem seu capital e emitem ações que são negociadas em bolsa de valores. Neste caso, a maioria das ações de cada uma delas é controlada por uma única empresa, a holding. A ação das holdings no mercado é semelhante a dos trustes. Uma holding geralmente é formada para facilitar o controle das atividades em um setor.

Na holding, a empresa criada para administrar possui a maioria das ações ou quotas das empresa componentes de determinado grupo de empresas. Em uma holding empresas de vários setores estão associadas geralmente sob o controle de um banco. Logo há união de empresas de setores diferentes sob o controle de bancos (controle acionário).

Os Keiretsus: Essa palavra significa “união sem cabeça”, é perfeita para definir as redes de empresas integradas que dominam a economia japonesa atual. Em geral essa rede é informal, não há uma Holding como havia nos Zaibatsus, as empresas são independentes, embora muitas vezes possam haver trocas de participação acionárias minoritária entre elas, ou seja, uma pode possuir uma pequena parte das ações de outra e vice-versa. Um Keiretsu geralmente se articula em torno de algum grande banco que dá suporte financeiro às empresas da rede, as quais atuam de forma integrada para atingir seus objetivos. Atualmente os grandes grupos japoneses (Mitsubishi, Mitsui e Sumitomo) se organizam como Keiretsus.

As principais Keiretsus são as localizadas em torno da Toyota, Nissan, Hitashi, Matsushita, Toshiba, banco Tokai e Industrial Bank of Japan.

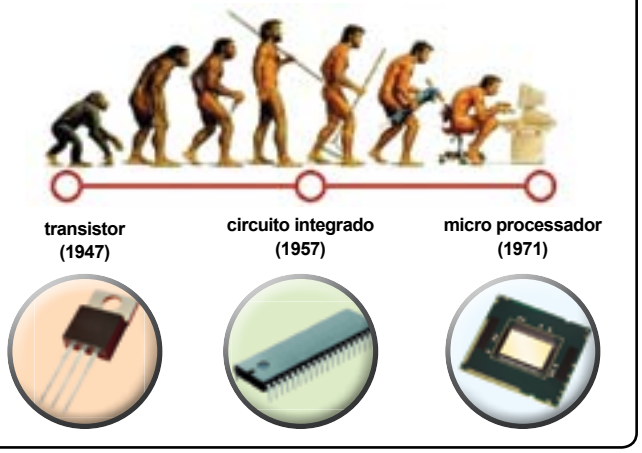
A Terceira Revolução
INDUSTRIAL

Frente 02 Ficha 02

A REVOLUÇÃO-TÉCNICO CIENTÍFICA E INFORMACIONAL

O modelo industrial centrado nas indústrias petroquímicas e automobilísticas predominou praticamente até a final da década de 1970, mas agora passa por um processo progressivo declínio. Essas indústrias vêm perdendo espaço para setores da informática, da robótica, da biotecnologia, da nanotecnologia, da química fina, da produção de novos materiais e outros.

Uma verdadeira (r) evolução



É a passagem da Segunda para a Terceira Revolução industrial ou Revolução-Técnico Cientifica, cujo centro está nos países desenvolvidos, particularmente nos chamados tecnopólos ou pólos tecnológicos. Da mesma forma que as duas revoluções industriais anteriores, também nasce nos países centrais e se difunde para algumas áreas privilegiadas dos países subdesenvolvidos.

A primeira revolução industrial foi relativamente lenta, até hoje, existem países subdesenvolvidos que ainda não conseguiram superá-la. A segunda revolução foi um pouco mais rápida e, ao mesmo tempo, mais espalhada espacialmente, que quebrou definitivamente o monopólio do Reino Unido e difundiu a atividade industrial por um grande número de países. A Terceira Revolução industrial é mais rápida ainda, se as duas anteriores duraram um século ou mais, esta parece mudar a cada década.

Com a Terceira Revolução Industrial, nota-se um progressivo declínio do petróleo como fonte de energia, e uma tendência à diversificação, ao uso de várias fontes alternativas de energia como a (o): energia nuclear, hidrogênio, energia solar, das marés, de origem orgânica, etc.

Quanto à mão-de-obra, podemos dizer que, na Primeira Revolução Industrial, predominou o uso do trabalho intensivo (média de 12 ou até 16 horas por dia), mal remunerado e sem nenhuma qualificação e especialização. Na Segunda Revolução Industrial, a média de trabalho por dia caiu para oito horas e o trabalhador tornou-se mais especializado (um trabalho mais técnico) e passou a receber uma remuneração melhor (Fordismo /Keynesianismo).

Na Terceira Revolução Industrial, a média diária de serviço poderá cair ainda mais (seis horas ou talvez até quatro horas), mas a necessidade de qualificação torna-se bem maior. Quanto à remuneração, não tem sofrido grandes mudanças, por causa do grande aumento do desemprego, que vem acompanhando este início de revolução técnico-científica e a globalização (discutiremos esse tema mais adiante).

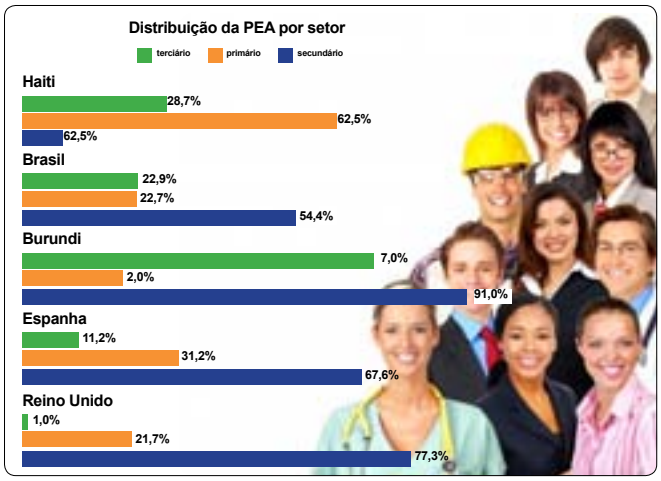
Essa nova revolução industrial e tecnológica substituiu trabalhadores humanos por robôs ou máquinas "inteligentes". A globalização exigem maior competitividade das empresas, para que elas possam enfrentar a concorrência internacional, daí o "enxugamento" ou diminuição dos custos de produção, especialmente de funcionários.

Diante disso, diferentes estratégias estão sendo usadas por determinadas empresas para redução dos custos de produção no mundo globalizado, a exemplo da, separação gestão x produção, fragmentação do processo produtivo - cada fase do processo produtivo tem suas especificidade quanto ao uso de sua força de trabalho, automação da produção, terceirização do processo produtivo, transferência da produção para regiões periféricas e da formação de blocos econômicos com objetivos de ampliar mercado e ter acesso a novos recursos naturais.

As indústrias importantes da Segunda Revolução Industrial foram à automobilística, e outras a ela integradas: petroquímica, siderurgia e metalúrgica. Eram indústrias no sentido estrito, isto é, indústria de transformação, tanto as de bens de produção como as de bens de consumo, especialmente duráveis. Hoje a principal atividade industrial, a que concentra a maior fatia crescente da renda nacional dos países desenvolvidos, é de indústria no sentido amplo. São as atividades principalmente terciárias (ligadas à prestação de serviços), que usam métodos da indústria moderna.

As atividades econômicas de maior crescimento nos dias atuais não são aquelas que transformam matéria-prima em manufaturados, e sim aquelas que produzem serviços: idéias, designs, técnicas, programas, novas formas de utilização de recursos.

Na informática, por exemplo, a produção de programas ou aplicativos para computadores (software) passou a ser mais rentável que a produção de equipamentos (hardware). Na agricultura, a pesquisa biotecnológica passou a ser mais rentável que produzir alimentos. O setor financeiro e serviços em geral (assessoria, turismo, lazer, pesquisa, etc.), além dos meios de comuni



cação passaram a dispor de uma fatia cada vez maior da renda total das economias mais dinâmicas.

Esses são os novos setores econômicos de maior crescimento a cada ano, que se expande continuamente e já dispõe da maior parte dos rendimentos totais. Eles constituem a nova indústria, no sentido amplo do termo, as "indústrias do conhecimento", segundo alguns, ou o setor terciário moderno (para o geógrafo Milton Santos, o Circuito Superior da Economia).

■ **Algumas motivações para o surgimento de novas tecnologias**

a) A crise do petróleo ocorrida nos anos 70, que motivou os países centrais a criarem tecnologia que fossem cada vez menos dependentes de energia e matéria-prima

b) A Guerra Fria, com a corrida armamentista e a disputa aeroespacial entre os Estados Unidos e a ex-URSS.

c) O avanço da globalização que acirra a concorrência internacional e, com isso estimula a inovação tecnológica.

OS TECNOPÓLOS

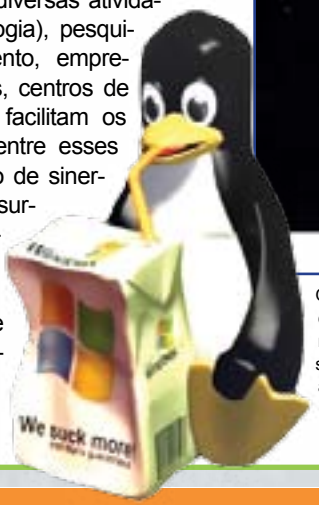
Os tecnopólos estão para o capitalismo da Terceira Revolução como as regiões carboníferas estavam para a primeira, ou as jazidas petrolíferas para a segunda. Constituem os pontos de interconexão dos fluxos mundiais de conhecimento e informação, sendo interligadas por uma densa rede de telecomunicações e computadores. São também os centros irradiadores das inovações tecnológicas.

Geralmente, situam-se em cidades pequenas e médias, longe dos antigos centros de industrialização, porém próximo das cidades mais importantes do mundo. Muitos localizam-se na região metropolitana das cidades globais e no entorno de grandes centros de pesquisa de cidades como Tóquio, Londres, Paris, Los Angeles, São Francisco etc. Dependem da infra-estrutura de transportes e telecomunicações dessas cidades, além de sua estrutura produtiva e financeira.

Neles encontram-se as indústrias da economia informacional, fortemente baseada na microeletrônica, semicondutores (chips para computadores), informática (equipamentos e sistemas), robótica telecomunicações e biotecnologia. Esses setores compõem a nova economia.

A localização dos tecnopólos, predominantemente, nos países desenvolvidos, evidencia a distribuição desigual pelo espaço mundial e ao mesmo tempo os desníveis de investimento em P&D (pesquisa e desenvolvimento) entre os mesmos.

Os tecnopólo é um centro que reune, num mesmo lugar, diversas atividades de (alta tecnologia), pesquisa e desenvolvimento, empresas e universidades, centros de pesquisa, etc. que facilitam os contatos pessoais entre esses meios, produz efeito de sinergia de que podem surgir inovações técnicas e novas idéias. Os tecnopólos concentram grande quantidade de mão-de-obra altamente qualificada.



Principais tecnopólos do mundo





O Vale do Silício (em inglês: Silicon Valley), na Califórnia, Estados Unidos, é uma região na qual está situado um conjunto de empresas implantadas a partir da década de 1950 com o objetivo de gerar inovações científicas e tecnológicas, destacando-se na produção de Chips, na eletrônica e informática.O impulso para o seu desenvolvimento se deu com a Segunda Guerra Mundial e principalmente durante a Guerra Fria, devido à corrida armamentista e aeroespacial. Muitas empresas que hoje estão entre as maiores do mundo foram gestadas na região: Apple, Altera, Google, Facebook, NVIDIA Corporation, Electronic Arts, Symantec, Advanced Micro Devices (AMD), eBay, Maxtor, Yahoo!, Hewlett-Packard (HP), Intel, Microsoft (hoje está em Redmond, próximo a Seattle), entre muitas outras.

Frente 02 Ficha 03

Paradigmas TECNOLÓGICOS

Com o advento da segunda revolução industrial dois aspectos ou processos se destacam ambos típicos do século XX; o taylorismo e o Fordismo.

TAYLORISMO



F. Taylor
1856-1915

O taylorismo é a organização do trabalho a partir da sua sistematização, desenvolvida pelo engenheiro norte-americano frederich W. Taylor (por volta de 1900), e corresponde à rígida separação do trabalho por tarefas e níveis hierárquicos (executivos e operários).

Segundo, Taylor, deveria existir um controle sobre o tempo gasto em cada tarefa e um constante esforço de racionalização, para que a tarefa seja executada num tempo mínimo. O tempo de cada trabalhador passa a ser vigiado e cronometrado, e aqueles que produzem mais em menos tempo recebem prêmios como incentivo. Com o tempo, todos os trabalhadores serão obrigados a produzir em um tempo mínimo, certas quantidades de peças ou produtos.

O taylorismo aumenta a produtividade da fábrica, mas também a exploração do trabalhador, que passa a produzir mais em menos tempo.

FORDISMO

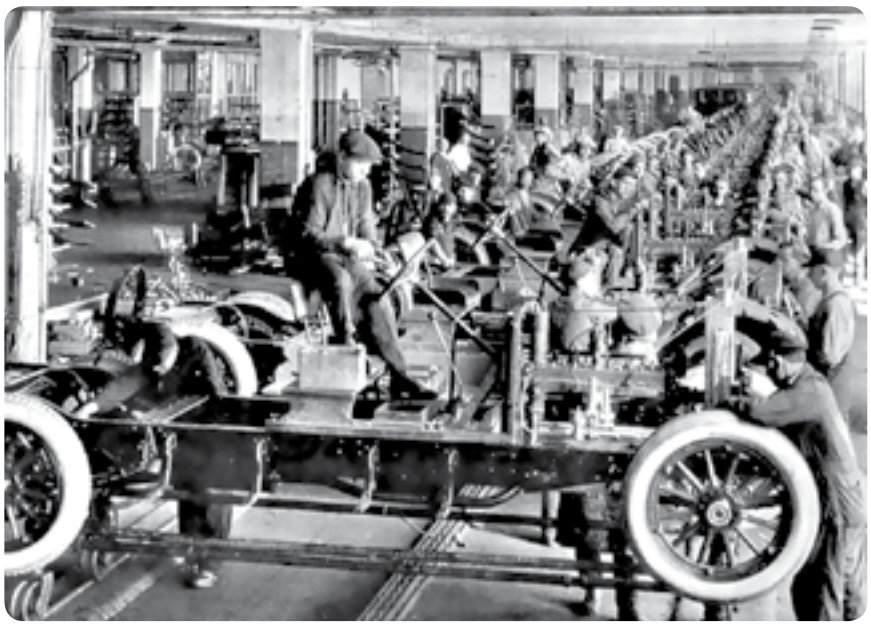


Henry Ford
1867-1947

Termo que foi engendrado do nome do industrial norte-americano Henry Ford, um pioneiro da indústria automobilística no inicio do século XX. Ford absolveu algumas técnicas do taylorismo como a disciplina na produção ou racionalização, otimização da produção com a redução do tempo de produção, porém ele vai além, pois acrescenta como fator fundamental de diferenciação do taylorismo o aumento do consumo, coisa que Taylor não teorizou.

Ao absolver algumas técnicas do taylorismo Ford transpassa-a, pois organiza a linha de montagem de cada fábrica para produzir mais, controlando melhor as fontes de matérias-primas e de energia, a formação de mão-de-obra e transportes, o aperfeiçoamento das máquinas para ampliar a produção e o consumo.

O grande lema do fordismo era produção em massa e consumo em massa. A lógica do fordismo consiste na seguinte idéia: para se produzir em massa é necessário que exista consumidores para comprar toda essa produção, ora para isso torna-se necessário formar um imenso mercado consumidor, e a maioria da população de qualquer país tem que ser composta por trabalhadores ativos, por isso é necessário pagar bem aos trabalhadores, para que eles possam exercer o seu papel de consumidores. O que aumenta a produção e os lucros dos grandes industriais.



■ **Característica do Fordismo:**

a) Organização da Produção

- **Produção em massa** de um mesmo produto. Para Henry Ford (fundador da indústria automobilística), criador do fordismo, era preciso que as empresas concentrassem esforços na produção de um só produto,
- **Criação da linha de montagem**, com a padronização da produção. Segundo Ford, "O trabalho deveria ir ao homem e não o homem ir ao trabalho...". Logo se deveria eliminar **"tempo mortos".**
- **Produzir em grande quantidade para fazer estoque**, pois o preço da matéria-prima poderia sofrer aumento, e aí os grandes industriais poderiam ganhar ou perder dinheiro, dependendo de como o seu estoque estivesse.
- Uso intensivo de energia e materiais

b) Organização do Trabalho

- Trabalho dividido; o trabalho repetido; o

trabalho em cadeia e o trabalho contínuo. Logo o trabalho repetitivo e desgastante gera a falta de visão geral sobre todas as etapas de produção e a baixa qualificação profissional, assim como disciplinamento da força de trabalho.

- O trabalho passou a se organizar com base num método racional, conhecido como taylorismo, que apresentava duas características importantes: separava as funções de concepção (administração, pesquisa e desenvolvimento, desenho etc.) das funções de execução e a extrema subdivisão das atividades dos operários, que podiam ser realizadas por trabalhadores com baixos níveis de qualificação, mas especializados em tarefas simples, de gestos repetitivos;
- Os operários deveriam ganhar um bom salário, para que a partir de então, houvesse um aumento do consumo e consequentemente da produção industrial. Houve crescimento e fortalecimento dos sindicatos. Os contratos de trabalho começaram a ser assinados coletivamente. Os salários eram ascendentes. E foram realizadas importantes conquistas de cunho social, tais como garantias de emprego, salário-desemprego e aposentadoria (Estado Keynesiano)



O TOYOTISMO

Na década de 1970, após os choques do petróleo e a entrada de competidores japoneses no mercado automobilístico, o fordismo e a produção em massa entram em crise e começam gradativamente a serem substituídos pela produção enxuta, modelo de produção baseado no sistema Toyota de produção, como a nova fórmula de sucesso, adaptada à economia global e ao sistema flexível.

A crise do petróleo fez com que as organizações que aderiram ao toyotismo tivessem vantagem significativa, pois esse modelo consumia menos energia e matéria-prima, ao contrário do modelo fordista. Assim, através desse modelo de produção, as empresas toyotistas conquistaram grande espaço no cenário mundial.

A partir de meados da década de 1970, as empresas toyotistas assumiriam a supremacia produtiva e econômica, principalmente pela sua sistemática produtiva que consistia em produzir bens pequenos, que consumissem pouca energia e matéria-prima, ao contrário do padrão norte-americano. Com o choque do petróleo e a conseqüente queda no padrão de consumo, os países passaram a demandar uma série de produtos que não tinham capacidade, e, a princípio, nem interesse em produzir, o que favoreceu o cenário para as empresas japonesas toyotistas. A razão para esse fato é que devido à crise, o aumento da produtividade, embora continuasse importante, perdeu espaço para fatores tais como a qualidade e a diversidade de produtos para melhor atendimento dos consumidores.

O fundador da Toyota, Sr. Eiji Toyoda no anos 50 visitou as fábricas da Ford e quando retornou ao Japão tinha uma modesta convicção consigo : "havia algumas possibilidades de melhorar a produção". Junto da aplicação das idéias de Toyota, outros fatos possibilitaram o nascimento do novo modelo de produção como: o mercado doméstico pequeno, a exigência do mercado de uma gama variada de produtos e a força de trabalho local não adaptável ao taylorismo.

O Toyotismo, portanto, originou-se no Japão, mais precisamente na fábrica de automóveis da Toyota. Ele consiste na produção em larga escala, mas, no entanto, com a otimização da produção, do mercado e do trabalho, pois ocorreram mudanças significativas no mundo do trabalho, o trabalhador passa e ser polivalente, e não desenvolve apenas uma única função, quando da época do fordismo.

A flexibilização do trabalho vai levar a uma flexibilização da produção, e esta a uma flexibilização do modelo de produção, haja vista que as relações de produção passam a ter novos valores.

Na década de 60 do século XX, o mundo desenvolvido passou por uma mudança mais acentuada na produção, e a partir de então passaram e pensaram em outro sistema que poderia substituí-lo sem que houvesse uma perda ou diminuição do lucro das empresas. Esse processo de passagem do fordismo para o pós-fordismo ficou conhecido como acumulação flexível.



Na Alemanha, em Wolfsburg , existe a "car towers" da fábrica, um processo de armazenamento automatizado dos veículos que economiza tempo, espaço e evita acidentes com manobras.

A aplicação de algumas técnicas na produção japonesa permitiu reduzir estoques, em todos os níveis, incrementar a capacidade disponível em grandes investimentos adicionais, diminuir tempos de fabricação, melhorar a produtividade e a qualidade dos produtos fabricados, etc. E uma destas técnicas foi o Just-In-Time que tem o objetivo de dispor da peça necessária, na quantidade necessária e no momento necessário, pois para lucrar necessita-se dispor do inventário para satisfazer as demandas imediatas da linha de produção.

Fatores que contribuíram para a crise do fordismo:

- Os impactos dos choques do petróleo na economia ocorrido em 1973;
- O surgimento da concorrência japonesa, com sua nova concepção de gestão e produção automobilística;
- Mudanças tecnológicas;
- Desigualdades entre os setores de trabalho no interior do sistema fordista;
- Surgimento de novas necessidades no que se refere ao consumo.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO MODELO DE ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL TOYOTISTA:

a) Organização da Produção

- A transformação do modelo produtivo começou a se apoiar nas tecnologias que já vinham surgindo nas décadas do pós-guerra (automação) e nos avanços das novas tecnologias da informação.
- Produção Just-in-time (Kan-ban), no qual os estoques são eliminados ou reduzidos mediante entregas pelos fornecedores no local de produção, no exato momento da solicitação, e com características específicas para a linha de produção. A estabilidade e complementaridade das relações entre a empresa principal e a rede de fornecedores são extremamente importante. Desta forma a produção torna-se seletiva e controlada seguindo as necessidades do consumidor de cada lugar e/ ou país, esta é controlada de acordo com as oscilações do mercado. O objetivo é evitar o desperdiço de capital em forma de grandes estoques de matérias-primas e produtos acabados.
- Uso intensivo de informação e conhecimento.
- Automação da produção (aumento do desemprego estrutural).
- "Controle de qualidade total" dos produtos ao longo do processo produtivo, visando um nível tendente a zero de defeitos e melhor utilização dos recursos. Assim, a fabricação torna-se controlada na qualidade e quantidade com a utilização da robótica e da informática, o que diminui a necessidade de muitos operários na linha de produção. Se, no sistema fordista de produção em massa, a qualidade era assegurada através de controles amostrais em apenas pontos do processo produtivo, no toyotismo, o controle de qualidade se desenvolve por meio de todos os trabalhadores em todos os pontos do processo produtivo.
- Eliminar desperdícios (de tempo, trabalho e recursos)
- Ocorre também à redução no custo de produção, com o aperfeiçoamento tecnológico, a transferência da produção dos bens mais simples para regiões do mundo, devido às vantagens locacionais, e aos avanços nos meio de comunicação e transporte e ao processo de terceirização.
- Personalização dos produtos: fabricar o produto de acordo com o gosto do cliente.

b) Organização do Trabalho

- Trabalho em equipe (baseado na cooperação), envolvimento dos trabalhadores no processo produtivo;
- Fim do trabalhador profissional especializado para torná-los especialistas multifuncionais, educação continuada;
- Iniciativas descentralizadas, maior autonomia para tomada de decisão no chão da fábrica;
- Recompensa pelo desempenho das equipes;
- Hierarquia administrativa horizontal, relacionamento cooperativo entre os gerentes e os trabalhadores.

DUAS LINHAS DE MONTAGEM

A eficiência do sistema Toyota de produção, que reduz os estoques pela metade e aumenta a produção em 40%, levou empresas de diversas áreas a substituir o modelo introduzido por Henry Ford



FORDISMO

Em 1908, o americano **Henry Ford** iniciou a fabricação do modelo T em escala industrial. Era o começo da linha de produção.



1. **Defeitos no produto só eram identificados no final da linha de produção**
2. **A empresa fabricava muitas das peças que compunham o seu produto**
3. **Para não faltar peças, estas eram produzidas em excesso, gerando estoques**
4. **O operário-modelo era aquele que melhor obedecia às diretrizes de seus superiores**
5. **O funcionário devia se preocupar apenas com as tarefas imediatas**
6. **A empresa devia executar os projetos feitos pelos seus engenheiros**

TOYOTISMO

Indústrias de diversos setores adotaram o **sistema Toyota de produção** para ganhar eficiência

1. **Os operários interrompem a produção a qualquer momento para consertar falhas**
2. **A maioria das peças é feita por outras companhias, os fornecedores**
3. **O estoque é mínimo. Os fornecedores entregam as peças quando a companhia às solicita.**
4. **O operário-modelo é aquele que identifica problemas e propõe soluções**
5. **O funcionário deve se preocupar com a aplicação que o produto terá depois de vendido**
6. **A empresa deve planejar a produção de modo a atender aos desejos de seus clientes**

CONSEQUÊNCIAS DA ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL:

- Aumento do chamado desemprego estrutural ou tecnológico, devido à introdução de novas tecnologias (informática e robótica) que eliminam muitas profissões de baixa qualificação e reduzem a necessidade de mão-de-obra. A transferência da produção (fábricas) dos países desenvolvidos para os países periféricos, ou das grandes para pequenas cidades.
- Os contratos de trabalho passaram a ser mais flexíveis diminuiu o número de trabalhadores permanentes e um crescimento do número de trabalhadores temporários.
- Flexibilizaram-se os salários - cresceram as desigualdades salariais, segundo a qualificação dos empregados e as especificidades da empresa. Em muitas empresas, juntou-se o que o taylorismo separou: o trabalhador pensa e executa.
- Os sindicatos viram reduzido seu poder de representação e de reivindicação. Ampliou-se o desemprego.
- Tendência a terceirização da produção: as grandes empresas começaram a repassar para as pequenas e médias empresas subcontratadas certo número de atividades, tais como concepção de produtos, pesquisa e desenvolvimento, produção de componentes, segurança, alimentação e limpeza.
- A desconcentração produtiva: A produção flexível vem transformando espaços e criando novas geografias, à medida que ocorrem redistribuições dos investimentos de capital produtivo e especulativo e, conseqüentemente, redistribuição espacial do trabalho.
- Redução do emprego no setor primário e secundário da economia, devido à mecanização do campo e da robotização da industria.
- Crescimento dos números de empregos no setor terciário, pois esse se tornou o mais importante setor da economia mundial, devido apresentar a maior rentabilidade e a maior geração de emprego. Com o agravamento da hipertrofia do setor terciário nas grandes cidades dos países subdesenvolvidos. Em função da desqualificação da mão-de-obra, provocadas pelas inovações tecnológicas, como as profissões do setor bancário e automobilístico.
- Apesar das maravilhas e novidades que o toyotismo trouxe através da tecnologia nos modos de produção atual, esse mesmo modo desencadeou um elevado aumento das disparidades socioeconômicas e uma necessidade desenfreada de aperfeiçoamento constante para simplesmente se manter no mercado.
- Surgiram novos complexos de produção – os tecnopolos-, ligados a universidades e centros de pesquisa onde as inovações são constantes. Um caso exemplar, desses complexos é o do Vale do Silício (Silicon Valley), na Califórnia, cujo modelo se difundiu por vários países.

SAIBA +

MODERNIDADE FORDISTA	PÓS-MODERNIDADE FLEXÍVEL
Poder de Estado/sindicatos	Poder financeiro/individualismo
Estado de bem-estar-social	Neoconservadorismo
Centralização/negociação coletiva	Descentralização/contratos locais
Produção em massa	Produção em pequenos lotes
Concentração/trabalho especializado	Dispersão/trabalho flexível



O espaço GEOGRÁFICO

AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS DECORRENTES DAS REVOLUÇÕES INDUSTRIAIS

Na atual fase de expansão do capitalismo em sua fase informacional (economia globalizada) se caracteriza pela aceleração de vários tipos de fluxos (mercadorias, capitais, serviços, informações e pessoais) que só se tornaram possíveis graças a ***terceira revolução industrial*** ou **revolução técnico-científica informacional**, que permitiu os meios físicos que viabilizam a globalização. Desenvolveu-se um meio geográfico, adaptado às exigências da economia globalizada. Incorporou-se crescentemente ao espaço geográfico objetos que apresentam um conteúdo cada vez mais alto de ***ciência, técnica e informação***, como: modernas redes de telecomunicações; grandes infra-estruturas de transporte; a agropecuária com base biotecnológica; fábricas roborizadas, prédios comerciais e residências inteligentes, bolsas de valores eletrônicas, etc.

Esse novo meio geográfico é chamado de **meio técnico-científico-informacional** e serve para dar suporte aos fluxos de globalização.



Anterior a este atual estágio de desenvolvimento tecnológico, o espaço geográfico passou por duas outras etapas distintas: o ***meio natural*** e o ***meio técnico***. No que diz respeito ao espaço mundial, o primeiro (meio natural) antecede a Primeira Revolução Industrial do século XVIII, uma vez que apesar da existência de determinadas tecnologias, a transformação do espaço foi bastante limitada e o meio geográfico permaneceu em grande medida ***natural***.

Com o transcorrer da história humana e as novas tecnologias criadas com a Primeira e a Segunda Revolução Industrial, o espaço geográfico foi sendo transformado e ganhando cada vez mais objetos artificiais (fixos). Desde então, o meio geográfico recebeu grande quantidade de infra-estrutura (fábricas, ferrovias, linhas telefônicas, máquinas na agricultura, barragens e usinas hidrelétricas, etc.). O meio geográfico tornou-se crescente artificial, transformando-se em ***meio técnico***.

Esses três momentos distintos (meio natural, meio técnico e meio técnico-científico informacional) de incorporação da técnica ao espaço geográfico podem ser percebidas através da paisagem, uma vez que, as novas técnicas se difundem de modo desigual pelo espaço geográfico.

O meio técnico-científico-informacional aparece na cidade e no campo, incorporando a agricultura, a indústria e os serviços. Ele abrange o planeta inteiro e funciona como um sistema (conjunto formado pelas partes ou elementos de um todo organizado, que funciona de forma coordenada). Muitos estudiosos afirmam que vivemos num sistema-mundo, no qual os fenômenos sociais, econômicos e culturais mais importantes não acontecem isoladamente porque há uma interdependência entre os diversos lugares do planeta. Isso só é possível porque existe um sistema técnico unificado que serve ao planeta inteiro. Há vários exemplos disso: o funcionamento da internet, da rede mundial de telecomunicações, dos aeroportos internacionais ou das bolsas de valores. Na realidade, o meio técnico-científico-informacional é à base da globalização. Sem ele, não seria possível a atual aceleração dos fluxos de informações, capitais, mercadorias e pessoas, nem a crescente interdependência dos vários lugares do mundo.

Com o desenvolvimento do meio técnico-científico-informacional, o espaço geográfico tornou-se mais denso em objetos artificiais, ou seja, de modernas infra-estruturas que permitem a aceleração dos fluxos da economia informacional. As grafias deixadas pelas técnicas no atual estágio de produção social do espaço se expressam nos sistemas de satélites, cabos de fibra ótica, teleportos, rede de computadores com inovações constantes em softwares, hardwares etc.

As novas técnicas se difundem de modo desigual pelo espaço geográfico. Há também pessoas que incorporam as novas tecnologias em seu dia-a-dia; outras, não. Veja o exemplo da internet. Apesar de seu rápido crescimento e de

estar causando grandes transformações na economia, ainda é uma tecnologia disponível para uma pequena parcela da humanidade. Apesar disso, esses novos objetos técnicos estão se difundindo muito rapidamente. Embora não sejam encontrados em todos os lugares do mundo, a sua área de abrangência é o espaço geográfico planetário. Eles funcionam de forma integrada, formando um sistema de redes, cujos nós são as principais cidades, com destaque para as chamadas cidades globais.

CARACTERÍSTICAS DO PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO INFORMACIONAL:

- Os objetos são cada vez mais técnicos e informacionais;
- As ações e o controle destas deixam de ser locais e regionais e passam a ser globais;
- As decisões são tomadas cada vez mais pelo mercado e não pelo Estado;
- A Divisão Internacional do Trabalho passa a ser cada vez mais especializada

MUDANÇAS TECNOLÓGICAS AO LONGO DO TEMPO

Período	Comunicação	Energia	Meios
Pré-Agrícola	Linguagem oral e Pictórica.	Fogo	Instrumentos Pimitivos
Agrícola	Escrita Impressa	Tração Animal	Charrua (Arado Grande, De Ferro)
Industrial	Telégrafo Telefone Fonógrafo Rádio Cinema	Máquina a vapor Eletricidade	Máquinas Avançadas Estradas De Ferro Veículo Motorizados
Atual	Televisão Satélite Computador Sistemas De Mídia	Fissão Atômica Baterias Elétricas Laser	Transporte supersônico e interplanetário Materiais sintéticos Micro eletrônica

GROS, B. M. 1971. p. 272-273. Em SANTOS, Milton. A natureza do espaço. SP - Hucite, 1996.



Um condomínio empresarial e industrial localizado na região de Campinas (SP), é um exemplo de meio técnico-científico-infrmacional. Segundo os empreendedores em anúncio publicitário em revistas do ano 2009, "(...) O Parque Empresarial Campinas foi concebido segundo as mais avançadas técnicas urbanísticas, arquitetônicas, funcionais e sustentáveis, buscando conciliar objetivos a produtividade, economia e ao conforto de seus usuários, à identidade e personalidade das empresas que nele se instalarem e à conectividade e harmonia com a vizinhança e o ambiente em que está inserido"

SAIBA

O CIBERESPAÇO

Como conseqüência das intensas transformações na tecnologia da informação, que materializa relações sociais reticulares, há surgimento de uma outra dimensão do espaço, o ciberespaço.

O ciberespaço é uma dimensão da sociedade em rede, onde os fluxos definem novas formas de relações sociais, um conjunto de diversas redes comunicacionais informatizadas, tais como a Internet. O espaço de fluxos de imagem, som, informação e de sociabilidade definido pelo ciberespaço expressa uma "organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funciona por meio de fluxos" (Castells, p. 436).

Cabe apenas lembrar que tais redes não estão somente no espaço de fluxos, elas constituem o próprio espaço. O Ciberespaço é parte integrante da sociedade contemporânea, enquanto uma nova forma de materialização dos avanços da sociedade capitalista.

Hoje em dia, na rede telemática, o tempo tem se esvaziado e perdido, cada vez mais, relação com a experiência prática da vida dos homens num determinado lugar. O espaço concreto cria seu oposto, o espaço virtual, e novas formas de contatos interpessoais.

Este espaço virtual está em vias de globalização planetária e já constitui um espaço social de trocas simbólicas entre pessoas dos mais diversos locais do planeta. Cabe lembrar que a dinâmica imaterial do ciberespaço é apoiada no avanço das forças produtivas do sistema capitalista, na sua busca incessante de aumentar a velocidade de rotação do capital e das transações mercantis e financeiras em escala planetária e é também resultante das tecnologias voltadas para a Guerra, como a Internet.

Para que se possa ter acesso à via expressa de informação, é necessário que sejam estabelecidas as "condições ambientais" do ciberespaço. O ambiente construído é a expressão material que permite conexão com um novo sistema de relações sociais. Tais condições só nos é possível a partir de um arranjo espacial que inclui o computador, monitor, teclado, mouse, linha telefônica, provedor de acesso, redes telemáticas e outros meios eletrônicos capazes de nos conectar com o ciberespaço. Estas formas estáticas, aos quais estamos fisicamente ligados, nos transportam, através da virtualidade, para um mundo onde prevalecem as nossas sensações.

Deste modo o ciberespaço é um ambiente que permite inúmeras possibilidades do mundo real. O mundo virtual caracteriza-se não propriamente pela representação, mas pela simulação. Esta simulação é na verdade, apenas uma das possibilidades do exercício do real. Desse modo, podemos afirmar que o ciberespaço não está desconectado da realidade.

O período técnico-científico e INFORMACIONAL

O PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO E INFORMACIONAL E SEU DESDOBRAMENTO NA PRODUÇÃO

A desconcentração industrial é um fenômeno mundial, que vem ocorrendo em escala global, nacional e regional. Trata-se de um processo que tende à nova lógica da organização industrial mundial.

Se a primeira grande linha de pensamento industrial surgida no século XIX, o Fordismo, prezava pela concentração espacial de todos os processos produtivos (verticalização) além da proximidade dos estabelecimentos industriais das fontes de matéria-prima e do mercado consumidor, a nova tendência organizacional, surgida no século XX e conhecida por Toyotismo, privilegia a desconcentração espacial das diferentes etapas de produção (horizontalização) e a não necessidade da proximidade dos recursos de matéria-prima ou do mercado consumidor, caracterizando assim um novo espaço industrial.

Esse espaço caracteriza-se pela capacidade organizacional e tecnológica de separar o processo produtivo em diferentes localizações ao mesmo tempo em que reintegra sua unidade por meio de conexões de telecomunicações. (CASTELLS, 2000, p.412).

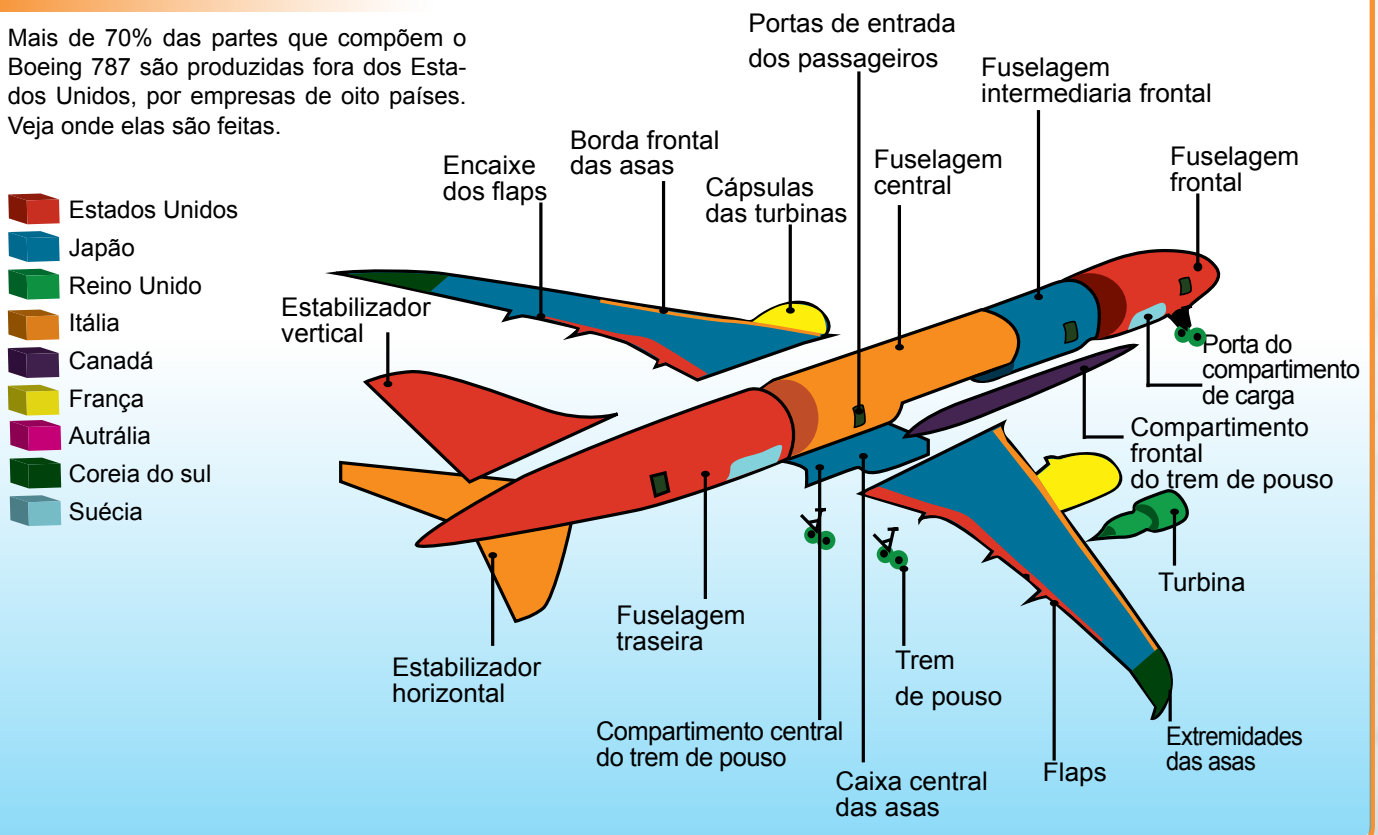
A Boeing, maior empresa montadora de aviões do mundo, é um bom exemplo da fragmentação da produção em escala planetária. O modelo Boeing 777, recebe componentes de 322 fornecedores de empresas espalhada por 38 países, e suas 3 milhões de peças, do rebite a turbina, são fabricados por 1700 intermediários em 37 nações, de onde prosseguem para Everett, onde a Boeing tem o maior edifício industrial do mundo (o galpão da fábrica da companhia aérea, em Seattle, é o maior do mundo, com 13,4 milhões de m^2). Na montagem final, a Austrália fornece os lemes de direção e profundidade, o Canadá a parte posterior das asas, o Reino Unido os computadores primários de vôo, o Japão os lavatórios e a Embraer do Brasil uma peça do leme vertical. Estabelecendo, portanto uma **nova Divisão Internacional do trabalho.**

Essa tendência foi uma adaptação do espaço industrial às novas realidades impostas pelo capitalismo moderno, que ao gerar uma economia globalizada, cria e recria espaços qualitativamente diferentes que por sua vez acabam se tornando atrativos ou não para a instalação de diferentes indústrias ou para determinadas etapas de produção de um produto dentro de uma mesma empresa. E o que vai permitir essa movimentação de empresas pelo globo é o desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação.

A fragmentação espacial da produção pode ser definida como "(...) um fenômeno moderno no qual se observa uma divisão mais precisa e apurada da produção de bens e serviços, associada ao fracionamento do processo produtivo entre distintos proprietários e por diferentes locações no mundo". (Flores, 2008). O agente do processo de fragmentação é a empresa capitalista de grande porte produtora de bens ou serviços, que estabelece vínculos com empresas de médio e pequeno porte para assegurar o provimento de bens ou serviços.

FABRICAÇÃO EM ESCALA GLOBAL

Mais de 70% das partes que compõem o Boeing 787 são produzidas fora dos Estados Unidos, por empresas de oito países. Veja onde elas são feitas.



O caso brasileiro

Entre 1970 e 1990, observou-se dentro do estado de São Paulo, um intenso processo de desconcentração industrial. Durante esse período ocorreu ao mesmo tempo uma diminuição dos números de estabelecimentos e do valor da transformação industrial na região metropolitana, e um aumento desses índices no interior. Segundo Santos e Silveira, enquanto em 1970 a Região Metropolitana reunia 36,09%, o município de São Paulo 28,94% e o interior apenas 6,95% do total de estabelecimentos industriais, duas décadas mais tarde as participações respectivas eram de 21,95%, 9,23% e 15,26%.

A observação desses dados nos permite fazer uma análise importante. Observa-se que além de uma desconcentração dentro do estado (sentido capital-interior) houve também uma desconcentração em âmbito nacional, pois se em 1970 o estado de São Paulo concentrava mais de 70% dos estabelecimentos industriais do país, esse número cairia para menos de 45% em 1990. Isso demonstra que o interior de São Paulo e outros estados brasileiros também passaram a oferecer vantagens econômicas e consequentemente a competir com a primeira região concentrada do país. Segundo Santos e Silveira (2004, p.103) "a região concentrada é por definição, uma área onde o espaço é fluido, podendo os diversos fatores de produção deslocar-se de um ponto a outro sem perda da eficiência da economia dominante". São Paulo é considerada a primeira região concentrada do país justamente por num primeiro momento ser a única porção do território capaz de oferecer condições para que o capital se reproduzisse de forma eficiente.

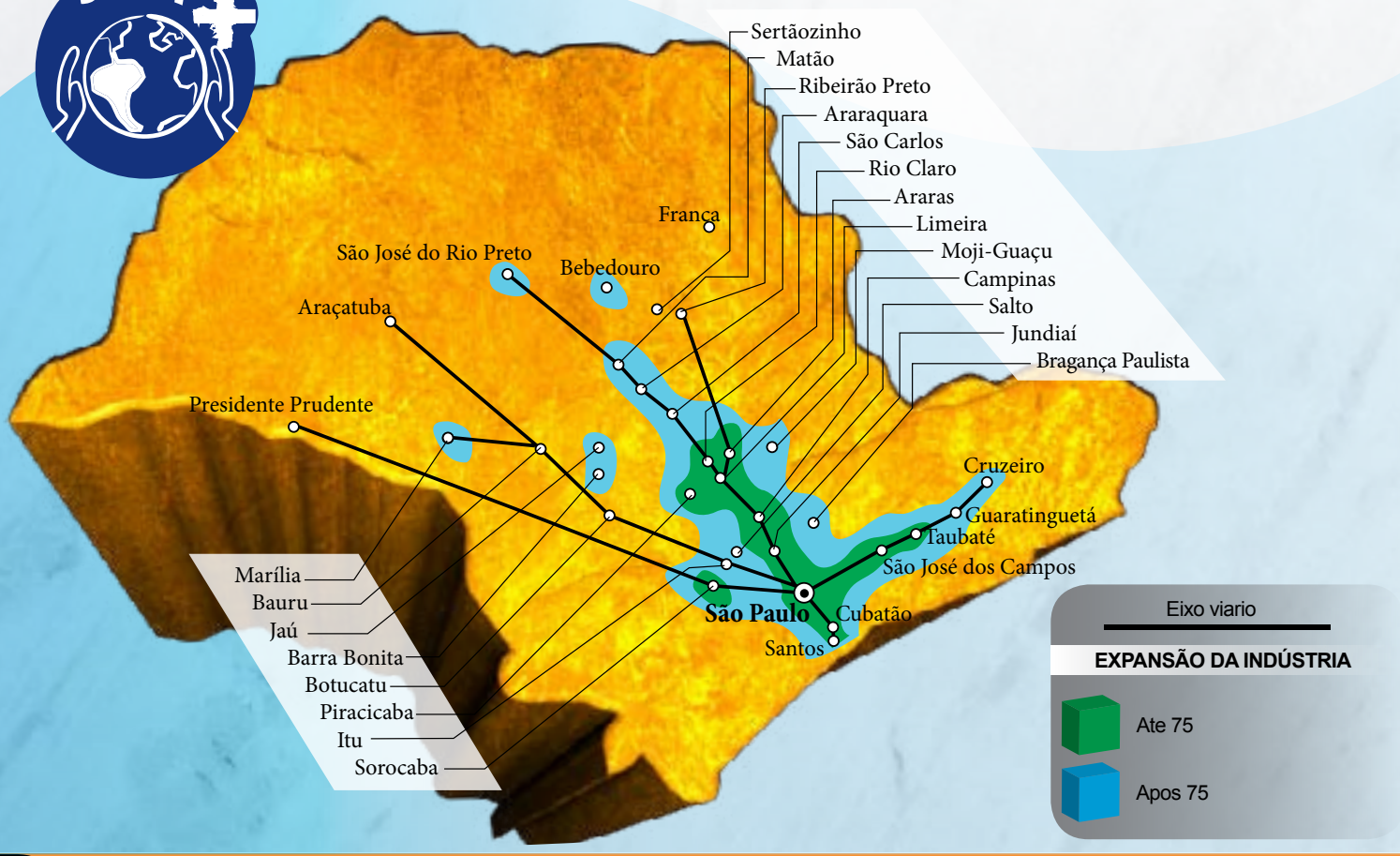
Com o alargamento do meio técnico-científico para outras regiões brasileiras a partir da década de 1970, essas também passaram a oferecer condições para a reprodução do capital, e foi justamente para essas áreas que migraram as indústrias paulistanas ou se instalaram a grande parte dos novos estabelecimentos industriais. Porém, o desenvolvimento dos meios de comunicação, ou meio técnico-científico, permite o deslocamento industrial para uma região, mas existem outros fatores que irão incentivar esse processo. Sobre a combinação desses fatores, especificamente dentro do estado de São Paulo podemos observar a atuação do Estado em nível municipal

"A nível de governo local muitos municípios interioranos passaram a oferecer uma série de incentivos visando atrair indústrias. Um grande números de prefeituras elaborou diretrizes para atrair estabelecimentos industriais para seus municípios. Esses esforços, conhecidos como "Políticas de Atração industrial", em grande parte ofereciam isenção de impostos e taxas municipais, ressarcimento de gastos com infra-estrutura, terrenos..." (SANTOS, SOUZA e SILVEIRA, 2002)



SAIBA

EXPANSÃO DA INDUSTRIA



O PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO E INFORMACIONAL E AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO

Até o inicio dos anos 1970 o desemprego era um fenômeno setorial ou conjuntural: manifestava-se em determinados setores da economia ou em determinada situação ou conjuntura econômica, marcada pela ocorrência de uma crise interna ou externa.

A Revolução Técnico-científica e informacional ocorrida na década de 1970 é um dos principais fatores responsáveis pelas mudanças no mundo do trabalho na atualidade. Essa revolução possibilitou a transferência brutal de riquezas e, consequentemente, de postos de emprego entre países, refletindo diretamente no aumento da miséria e do desemprego em diversos pontos do espaço mundial.

O capitalismo com o objetivo de manter ou aumentar seus lucros recorre à revolução tecnológica para cortar custos e economizar trabalho vivo. O avanço da robótica e da informática no processo produtivo reduziu de forma considerável a oferta de empregos na indústria, como se observa nos países desenvolvidos, em especial no Japão que teve sua população economicamente ativa (PEA) reduzida no setor industrial: em 1980 35,3% da PEA encontrava-se no setor industrial. Nove anos depois a fatia caiu para 34,3% e em 2000 reduziu para 31,2%. Na França a situação foi ainda mais grave de 35,9% em 1980 a PEA na indústria caiu para 24,5% em 2000. Esse tipo de desemprego, que atinge primeiro as grandes potências industriais e depois os demais países do mundo, é denominado desemprego estrutural.

As inovações tecnológicas e a necessidade de cortar custos e realizar determinadas tarefas em curto espaço de tempo transferiram funções especializadas para outras empresas como alimentação, segurança, marketing e o design do produto (terceirização da produção). Acredita-se que o trabalho intangível (imaterial) como próprio design, o marketing e o setor jurídico correspondam, em alguns casos, até 75% do custo final de um produto. Esse processo engrossa o setor de serviços através do surgimento de milhares de pequenas empresas promovendo o inchaço do mesmo, gerando um fenômeno conhecido como terciarização da economia (crescimento do setor terciário).

Evolução da estrutura ocupacional entre os setores econômicos (%)						
Setores Econômicos	Mundo		Centro		Periferia	
	1950	1998	1950	1998	1950	1998
Primário	62,5	43,0	62,5	5,0	73,9	55,0
Secundário	15,8	16,0	30,8	23,0	9,4	15,0
Terciário	21,7	41,00	36,7	72,0	16,7	30,0

Grande São Pulo: número de pessoas empregadas (%)			
	1985	**1995**	**2000**
Indústria	32,8	25	19,9
Serviços	40,7	47	53
Comércio	14,1	16	15,7

O processo de terceirização, ou seja, do repasse de determinadas funções para terceiros, que vem se expandindo em todos os setores da economia, tem provocado profundas alterações na organização estrutural do sistema produtivo em todo mundo. Tais alterações incluem aspectos bastante variados, dentre os quais, podem-se destacar:

• no campo do trabalho, cada vez mais as empresas procuram transformar pessoas físicas em pessoas jurídicas, ou seja, em empresas que, muitas vezes, têm como único cliente a antiga empresa em que a pessoa física trabalhava sob contrato regido pelas leis trabalhistas;

• no campo imobiliário as empresas buscam esvaziar suas sedes, que são transformadas, como um passe de mágica, em imóveis para venda ou aluguel, até mesmo para os antigos funcionários, "promovidos" a pequenos empresários;

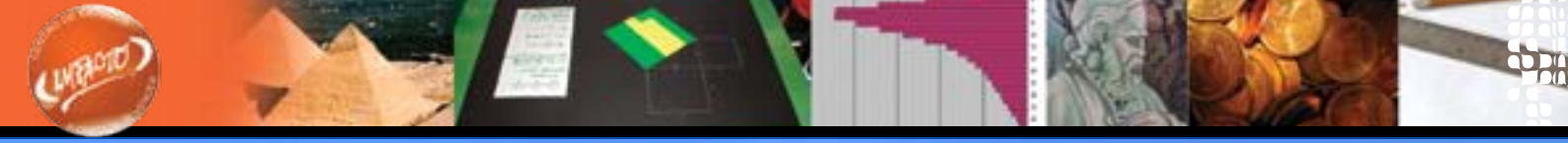
Diante da tendência das empresas de terceirizar várias atividades, cresce o numero de pessoas que realizam seu trabalho em casa. Segundo muitos analistas, caso essa tendência se mantenha no século XXI, deve diminuir sensivelmente a importância das áreas e dos complexos empresariais existentes no mundo. Esse fato pode inclusive tornar menos intenso o fluxo pendular da população urbana - no deslocamento diário de casa para o serviço, pela manhã, e do serviço para casa, no fim da tarde - com reflexos nos fluxos de tráfego do transporte coletivo e individual.

No caso de automação do parque fabril de países emergentes como o Brasil, o problema foi mais grave, pois o setor terciário não crescia como o das grandes potências e não gerou novas oportunidades de emprego. Isso determinou a expansão do subemprego e uma verdadeira explosão de atividades à margem do processo legal, ou seja, na economia informal (manifestada, por exemplo, pela proliferação de ambulantes nas ruas das principais cidades)

Assim, a liberação de mão-de-obra do setor industrial em países como México, Brasil e Argentina assumiram um caráter mais dramático do que nos países de tradição industrial (como Estados Unidos, França, Alemanha, Itália, Reino Unido e Japão) porque as condições assistenciais eram bem mais frágeis: nos países emergentes não existiam - como nos países de tradição industrial - sólidos sistemas de benefícios sociais ao desempregado.

Nesse sentido, percebe-se que a lógica da Terceira Revolução Industrial redução dos custos/aumento da produtividade/desenvolvimento tecnológico/reorganização geográfica da produção tem implicado redução maciça de empregos. Por outro lado, as constantes inovações tecnológicas geram a necessidade de qualificação profissional constante e, consequentemente, a formação de um novo perfil de trabalhador, aquele que se adéqüe ao novo tipo de emprego oferecido: o que exige polivalência, versatilidade, agilidade, qualificação, trabalho em equipe, elevado nível de escolaridade e conhecimento do conjunto do processo produtivo.





SAIBA +

Aplicações no Caderno de Exercícios

TERCIARIZAÇÃO E INFORMALIDADE

O mundo contemporâneo, inserido num contexto de difusão dos componentes do meio tecnocientífico-informacional, é palco de transformações criadoras de uma relação simbiôntica entre tecnologia, produção e trabalho. A distribuição setorial da população economicamente ativa nos países centrais e semiperiféricos manifesta-se, em meio a outros efeitos, como reflexo dessa simbiose entre os elementos aludidos.

Os incrementos tecnológicos da economia moderna caracterizam novas formas de produção onde se implementam máquinas e robôs no processo produtivo, tanto no setor primário, que cuida da produção de matérias-primas, quanto no setor secundário, que cuida da produção industrial. A mecanização das lavouras e criadouros responde pela liberação de um enorme contingente ocupado no setor primário. Substituída por tratores, máquinas de ordenha entre outros equipamentos, a mão-de-obra perde seus postos de trabalho sendo obrigada a buscar ocupação na indústria ou no setor terciário, que cuida do comércio e dos serviços em geral.

No entanto, o setor secundário também vivencia um processo de liberação de mão-de-obra associado à automação das atividades produtivas, com a introdução de robôs de alta precisão nas linhas de montagem. A indústria, que empregava um grande volume de trabalhadores portadores de baixa qualificação, agora demanda poucos operários e exige maior qualificação para a manipulação dessas máquinas complexas. Aos trabalhadores que perdem seus postos de trabalho, no campo e na indústria, resta o setor terciário como alternativa de sobrevivência. E é nesse contexto que se manifesta o processo de terciarização da economia.

As economias consideradas periféricas não participam ainda desse processo pois a maioria de sua população economicamente ativa (PEA) está ocupada no setor primário. Falo aqui de países como as "Repúblicas das Bananas", na América Central, e países africanos em geral, exceto a África do Sul. Todavia as economias semiperiféricas e centrais estão totalmente inseridas nesse processo de terciarização, pois já experimentaram ou continuam a experimentar o processo de transferência setorial da PEA.

Estados Unidos, Canadá, Austrália, Grã-Bretanha, França, Bélgica e economias semelhantes formam um conjunto de países centrais onde o setor terciário já emprega mais de 70% da PEA. Alemanha e Japão, que ainda guardam mais empregos na indústria, já possuem mais de 60% da PEA no terciário. Estes espaços configuram "Economias pós-industriais". E mesmo com essa alta concentração o nível de desemprego não é muito alto, embora haja desempregados, elemento essencial para a sobrevivência do capitalismo.

Isso se justifica pelo fato de a população possuir maior poder aquisitivo, o que alimenta a multiplicação dos serviços nesses países. As bolsas de valores, engenharia genética, laboratórios de pesquisas, empregam muitas pessoas. Serviços extremamente supérfluos geram renda para muita gente. Explico. Uma das novas manias do Central Park, em Nova Iorque, é a prática de Yoga para cães. Alguém ganha dinheiro dando aulas de Yoga para Cães! Investigando o assunto descobri que psicólogos (?) fazem terapia em animais... Esses são serviços que não encontram espaço nos mercados dos países semiperiféricos.

Brasil, Argentina, México, África do Sul e outras economias similares formam um conjunto de países onde mais de 50% da mão-de-obra está ocupada no setor terciário. No entanto, o poder aquisitivo bem mais restrito nesses países, gera uma demanda menor por serviços fazendo com que haja menor oferta de empregos neste setor, que se apresenta, portanto, hipertrofiado. Com o setor terciário formal inchado, resta a opção da informalidade para a produção da subsistência da população.

Em 1979, o geógrafo brasileiro Milton Santos, tido por muitos como "Filósofo da Geografia" pela profundidade das suas idéias, lança o livro "O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos". Esta obra, rapidamente, se tornou um clássico da geografia mundial. Nela, Milton apresenta uma análise onde a engrenagem da economia urbana dos países subdesenvolvidos caracteriza-se por ser dotada de um circuito superior, de caráter formal, e um circuito inferior, de caráter informal, que reflete esse quadro de hipertrofia do terciário. É notável a expansão do setor terciário informal, esse circuito inferior da economia urbana, nos países semiperiféricos.

O Brasil serve como exemplo clássico desse processo. As grandes metrópoles, superlotadas, concentram um enorme contingente de mão-de-obra disponível e o excesso engrossa as fileiras de ambulantes e biscateiros de todos os tipos. Cada um faz o que sabe ou o que pode fazer. Quem tem conhecimentos de mecânica, conserta carros. Quem tem habilidades com manutenção, trabalha em obras, mexe com hidráulica, eletricidade, gás... Quem não sabe fazer esses serviços, vende o que aparecer pela frente. Água, cerveja, biscoito, pipoca, chocolates, balas. Vi, certa vez, um sujeito vender Novalgina no trem, em meio a dezenas de produtos. Multiplicam-se os camelôs nas ruas e nos meios de transporte. Manifestações artísticas nos sinais, desde os meninos equilibrando limões até os mais elaborados manuseios de malabares em chamas, também entram como modo informal de obtenção de renda.

Minha reflexão final é inspirada em Milton, que em sua obra "Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal", entre outras abordagens, escancara "o mundo como é: a globalização como perversidade". "(...) O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção. A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização".

Referências: Santos, Milton; Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro. Record. 2001

http://conceitosetemas.blogspot.com/2008/08/terciarizao-e-informalidade.html

Da Bipolaridade à MULTIPOLARIDADE

Frente 03 Ficha 01

A BIPOLARIDADE

- A ordem Bipolar se estruturou após a 2ª guerra mundial liderada pelos EUA e pela ex-URSS, que disputavam a liderança do planeta. Essa ordem tinha caráter político, ideológico e militar.
- Durante aproximadamente 45 anos EUA e a ex-URSS, produziram um arsenal militar com capacidade de destruir o planeta por várias vezes, enquanto produziam armas e disputavam áreas de influência a partir do controle ideológico, EUA e ex-URSS iam aprimorando o seu poder de destruição e cada um a sua maneira ia agindo conforme os seus interesses.
- O período da Guerra Fria foi sem dúvida de grandes modificações, entre as quais merecem destaque:

"A Segunda Guerra Mundial mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar. Pois, como observou o grande filósofo Thomas Hobbes, "a guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar: mas num período de tempo em que a vontade de lutar é suficientemente conhecida". A Guerra Fria entre EUA e URSS que dominou o cenário internacional no breve século XX, foi sem dúvida um desses períodos. Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento e devastar a humanidade".

(Hobsbawn, Eric J. 1917-Era dos Extremos)

- A criação do Estado de Israel em 1948
- Descolonização afro-asiática.
- A Revolução Chinesa de 1949, que provocou uma reação dos EUA na região do Pacífico alterando de forma decisiva a maneira com a qual vinha lidando com o Japão derrotado.
- A instalação de um governo nacionalista na ilha de Formosa rivalizando com o poder continental.
- O surgimento de um eixo geopolítico Franco-Alemão que serviu de base para a CECA (Comunidade Européia do Carvão e do Aço) o embrião da União Européia.
- A Revolução Cubana em 1959, implantando o primeiro governo socialista na América, sob a liderança de Fidel Castro.
- A Guerra do Vietnã no sudeste asiático, mostrando a extensão do poder bélico dos EUA e ao mesmo tempo a capacidade de intervenção daquele país.
- A Primavera de Praga em 1968, uma demonstração de força da ex-URSS no leste europeu.
- Década de 70, os choques do petróleo causando grandes mudanças na economia capitalista.
- Em 1979 a Revolução Islâmica do Irã, que colocou fim no governo pró-ocidental do Xá Reza Pahlevi e deu início a uma era de governos xiítas anti-ocidentais no Irã. Essa revolução assinalou o início do declínio da Era Bipolar.



O FIM DO IMPÉRIO SOVIÉTICO

A era Gorbatchev

- Em 1982, morre Brejenev e a cúpula soviética defronta-se com o problema sucessório, pois muitos eram idosos e doentes.
- Em 1985, Mikhail Gorbatchev assumiu a direção da ex-URSS e em 1986 lançou a idéia da Glasnot, uma política de abertura e transparência no trato das questões soviéticas, ou seja, uma campanha contra a corrupção e a ineficiência da administração com propostas de liberdade na política, economia e na cultura. Em seguida lançou a Perestroika, um plano de reestruturação do sistema econômico da ex-URSS.
- As reformas implantadas por Gorbatchev, objetivaram de maneira geral a simplificação da estrutura administrativa e a diminuição do controle estatal sobre a economia. No entanto, as características do país como a grande extensão e as múltiplas nacionalidades tornaram o processo complexo. Isto aliado ao fato de que os conservadores civis (comunistas ortodoxos e burocratas do aparelho estatal), somados aos militares que temiam cortes nas forças armadas passaram a fazer forte oposição ao governo de Gorbatchev, este se elegeu presidente da República em julho de 1988.
- O processo de abertura política incentivou os movimentos pela autonomia, principalmente da região báltica (Letônia, Lituânia e Estônia), que haviam sido subjugados na era de Stálin, ao mesmo tempo em que ocorriam crises nas Repúblicas asiáticas como no Azerbaidjão (cristãos ortodoxos e muçulmanos). No plano econômico o desabastecimento continuava.
- Em março de 1989, pela 1ª vez na ex-URSS foram realizadas eleições livres, marcadas pela derrota dos candidatos do governo.

A crise que a ex-URSS atravessou foi causada por múltiplos fatores:

- a excessiva burocracia do Estado, impedindo maior flexibilidade nas decisões,
- a Revolução Tecnocientífica Informacional ou a Terceira Revolução Industrial, o Estado controlava os avanços tecnológicos especialmente os relacionados a informação, julgada questão de segurança,
- ampliação da corrupção que existia dentro do aparelho do Estado, dessa forma a ex-URSS teve inviabilizada o seu avanço tecnológico, tornando-se incapaz de acompanhar as mudanças decorrentes da Revolução Tecnocientífica Informacional.

Em 1991, as repúblicas da Rússia, Bielorus, Moldova e Ucrânia declararam-se independentes da Federação Soviética, seguindo o exemplo das Repúblicas Bálticas, a partir daí várias declarações de independência se sucederam e em 25 de dezembro de 1991, Gorbatchev declarou extinta a Federação Soviética.

OBS: Em 1991 ocorreu o fim do Pacto de Varsóvia.

A Rússia atualmente tem passado por profundas transformações inclusive no que diz respeito a economia, pois quando houve a desagregação ocorreram mudanças de caráter político e econômico, no plano econômico as empresas foram privatizadas e parte foi comprada pelo capital estrangeiro e a outra pela máfia, apenas uma pequena parcela foi adquirida pelas cooperativas compostas pelos trabalhadores.

Economicamente a Rússia se comporta como um país emergente faz parte do G-8, é grande produtor de armas enfrenta problemas sociais, adota o neoliberalismo e houve claramente uma reprimarização da economia, uma vez que a Rússia tem como principal ativo da balança comercial o petróleo.

AS MUDANÇAS NOS PAÍSES DA EUROPA ORIENTAL

Uma região periférica Polônia, Hungria, Ex-Tcecoeslováquia, Ex-lugoslávia, Romênia, Albânia e Bulgária.

De maneira geral a Europa Oriental sofreu duas grandes mudanças: a primeira foi a redemocratização e a segunda a transformação das economias em capitalistas. Nessa situação ocorreram processos de fragmentação como o da ex-Tchecoeslováquia e da ex-lugoslávia além do processo de reunificação da Alemanha.

No caso da ex-Tchecoeslováquia houve um processo de fragmentação pacífico que ficou conhecido como Revolução de Veludo, em relação a ex-lugoslávia será assunto de aulas posteriores.

TEXTO COMPLEMENTAR: A MULTIPOLARIDADE

A chegada dos anos 80 mostrou uma nova realidade dentro da construção geopolítica do pós-guerra, com a emergência de novos centros de poder econômico, tais como: Japão e Alemanha, um novo parâmetro de poder começou a ser desenhado a partir da Revolução Tecnocientífica, de tal maneira que uma nova ordem mundial foi se configurando alicerçada em novos valores.

Enquanto no mundo ocidental essas mudanças se processavam, a ex-URSS mergulhava em uma grande crise que abrangia tanto questões econômicas quanto políticas e sociais colocando em evidência os problemas oriundos da extrema concentração de poder nas mãos da burocracia e também do atraso tecnológico em que o país estava mergulhado os problemas econômicos resultantes da planificação econômica e a crise das nacionalidades, juntos esses graves problemas começaram a fazer ruir o poderoso império soviético que dividiu o poder com os EUA por aproximadamente 45anos. Foi assim que em meados dos anos 80, o então líder político Gorbatchev começou as reformas que ficaram conhecidas como Glasnost e Perestroika (abertura política e econômica respectivamente).

Com a abertura política surgiram novas lideranças políticas, que passaram a usar as diferenças étnicas como instrumento de pressão, associando para reforçar os problemas estruturais, que o país enfrentava, o enfraquecimento do Estado era patente e o resultado foi o processo de fragmentação, desaparecia assim, em 1991 o Estado Soviético, em seu lugar surgiram 15 novos países. O desaparecimento da Ex-URSS, teve impressionante impacto sobre a estrutura política mundial, especialmente na Europa, onde os seus satélites seguindo a nova tendência romperam com o socialismo, reiniciaram as bases capitalistas e buscaram a redemocratização, nesse período, houve uma reordenação de fronteiras, pois ocorreram novas fragmentações e um processo de reunificação.

O fim da URSS definiu também o fim da Era Bipolar, tendo início a Era Multipolar. A ordem político-ideológica foi substituída pela ordem econômica, onde o poder é definido pelo controle das tecnologias e dos mercados consumidores, dentro dessa nova ordem emergem a Globalização e a Regionalização.

Formas de regionalização do ESPAÇO MUNDIAL

Frente 03 Ficha 02

CARACTERISTICAS: FRAGMENTAÇÃO INTEGRADORA E EXCLUDENTE.

■ O processo de Globalização trouxe grandes transformações em escala mundial.
■ Segundo os cientistas o momento que vivemos hoje não encontra paralelo na história da humanidade, o principal eixo do mundo atual emerge exatamente dos avanços tecnológicos especialmente nos setores de comunicação e de transporte eis porque a globalização está fortemente relacionada à noção de espaço-tempo.
■ Paralelamente ao processo de globalização estabelece-se o processo de fragmentação.
■ O processo de fragmentação surge paralelamente ao processo de globalização, da mesma forma que a globalização se manifesta de várias maneiras a fragmentação se revela especialmente nos lugares e quase sempre é lida como consequência do próprio modo de produção capitalista.

A GLOBALIZAÇÃO



■ A atual etapa do capitalismo é a globalização, o fato está relacionado a própria evolução do modo de produção capitalista, que traz na sua essência o caráter expansionista, do mesmo modo que o colonialismo se relacionou com a etapa comercial e o imperialismo com a fase industrial, a globalização também traz o caráter expansionista típico do sistema, uma vez que, visa aumentar mercados consumidores e consequentemente ampliar os lucros, para isso os capitais produtivos e especulativos circulam pelo planeta, mas dentro da nova ordem mundial, a expansão traz um dado novo que é a forma como ela acontece, pois afinal agora a invasão é sutil e não necessita de armas, muito menos de violência física explícita. Entretanto, a invasão high-tech é eficaz, pois, trata-se de mercadorias, capitais, serviços, informações e pessoas.
■ Atualmente, as grandes batalhas são travadas nas bolsas de valores e os generais são na verdade os executivos, os especialistas financeiros, uma outra face deste momento é a transversalidade, isso é possível graças ao aparato tecnológico, que sustenta a globalização, ele criou também os valores dos cidadãos globalizados, aqueles que podem perfeitamente se integrar, nas mais diferentes regiões do planeta.
■ Hoje, o maior desafio das empresas, é a eficiência, pois isso, as coloca no mercado de uma maneira mais competitiva, para tal, o grande aliado tem sido o avanço tecnológico das comunicações, através de satélites, rede de computadores, telefones fixos e móveis, pode manter informação atualizada, em tempo real sobre os mais diversos assuntos, outro importante vetor da globalização é o transporte, que avançou muito nos últimos anos e reduziu o tempo para se cobrir distâncias, favorecendo a relação comercial.
■ O processo de globalização alterou as políticas empresariais do mundo, que passam por uma reordenação, com a ocorrência das mega fusões, os grupos financeiros e industriais, preparam-se para enfrentar as novas determinações do mercado, que tem caráter essencialmente econômico. Nestes campos de batalha, entra em jogo a tecnologia usada pela informação. É como se o mundo tivesse encolhido.
■ Devemos observar que do ponto de vista histórico, a globalização está sendo construída ao longo dos últimos 500 anos, porém devido a determinada especificidade do mundo atual, ela se concretiza hoje com uma velocidade que nos surpreende. Outra face da globalização é a invasão de mercadorias e consequentemente uma pressão por novos modelos de consumo e alteração de hábitos e valores.
■ E finalmente, a chegada do capital produtivo, essa geralmente é uma etapa muito mais lenta, mesmo assim somos capazes de perceber a sua ação, uma vez que busca a mão-de-obra barata, os incentivos fiscais e os subsídios.
■ Mas, a globalização não se processa da mesma forma, nem com a mesma intensidade em todos os lugares do mundo. Ao mesmo tempo em que determinadas coisas se globalizam, outras se tornam mais locais, é o caso das administrações municipais, que buscam o conceito de orçamento participativo, isto significa uma atenção específica para determinado local, outro indicativo desta complexidade, é o fato de que existe uma tendência de descentralizar a saúde e a educação, é o atendimento local como prioridade sobre o global.
■ Outro fator é a velocidade dos fatos e das ações, que varia de lugar para lugar, por exemplo: executamos uma operação financeira em uma bolsa de valores localizada no oriente, mais rápido do que atravessamos dois bairros da cidade grande em horários de "rush". A relação tempo – espaço foi profundamente alterada, com a criação das redes de computação, pois a partir do momento que estamos interligados, não existe nem espaço nem tempo separando os que nela estão conectados.

BOLSA DE VALORES DE NOVA IORQUE



■ Um dos desafios, da globalização e do avanço tecnológico que a acompanha, são as invasões, que tanto podem ser para se efetuar negócios nas bolsas ou para privilegiar o capital especulativo, que é conhecido como capital vodu, esse capital é originário em sua maior parte de pequenos poupadores, principalmente de países ricos, que procuram investir em fundos de pensão, com o objetivo deter uma velhice mais tranquila, esse montante é transferido para mercados emergentes, onde as taxas de juros elevadas funcionam como atrativo para o mesmo. Esse mecanismo, por outro lado, favorece governos desses países, que passam a utilizar esses montantes para encobrir muitas vezes a realidade da economia nacional.

A FRAGMENTAÇÃO

■ A globalização é uma das expressões do mundo atual no entanto paralelamente uma dessas faces é a fragmentação. O entendimento de globalização e fragmentação constituem de fato os dois pólos de uma mesma questão que vem sendo aprofundada, seja através de uma linha de argumentação que tende a privilegiar os aspectos econômicos e que enfatiza os processos de globalização inerentes ao capitalismo, seja através do realce de processos fragmentadores de ordem cultural, que podem ser tanto um produto (veja-se o multiculturalismo das metrópoles com o aumento do fluxo de migrantes de diversas origens) quanto uma resistência à globalização (veja-se o islamismo mais radical). Rogério Haesbaert (1998) distingue uma fragmentação inclusiva ou integradora, pautada numa lógica de "fragmentar para melhor globalizar" (como na formação de blocos econômicos), e uma fragmentação excludente ou desintegradora, que pode ser ao mesmo tempo um produto da globalização (a exclusão fruto da concentração de capital no oligopólio central capitalista) ou uma resistência a ela (no caso de grupos religiosos fundamentalistas, por exemplo).



SAIBA +

CARACTERÍSTICAS ATUAIS DA GLOBALIZAÇÃO



- A luta por mercados consumidores.
- Período de grandes avanços tecnológicos.
- Surgimento de um complexo sistema de engenharia.
- Aniquilação do espaço pelo tempo (tempo real).
- Avanço no meio de transporte, telecomunicação e biotecnologia.
- Certa "homogeneização" da cultura (língua inglesa).
- Difusão da internet.
- Perda de identidade
- Luta entre o local e global
- Enfraquecimento do Estado-Nação (econômico).
- Aumento do fosso entre pobres e ricos.
- Aumento da disparidade no comercio mundial
- Crescimento do setor de serviço em escala mundial.
- Desconcentração produtiva.
- Surgimento de mega fusões no cenário mundial
- Difusão do capital especulativo.

As regiões excluídas
ÁFRICA

AS REALIDADES DA ÁFRICA DO SÉCULO XXI FORAM PRODUZIDAS AO LONGO DOS ÚLTIMOS 500 ANOS.

A LINHA DE TEMPO DA ÁFRICA:

1. Colonização - século XV até o século XVIII: ocupação de áreas do litoral pelos europeus e emigração forçada de populações africanas que foram trazidas para a América para servir de mão-de-obra escrava nas lavouras e áreas de mineração.



2. Imperialismo - século XIX até a metade do século XX:
- Imperialismo europeu
- Partilha Afro-Asiática
- Imposição de fronteiras geodésicas provocando uma reordenação espacial onde povos irmãos foram separados e povos inimigos reunidos no mesmo território (base dos conflitos atuais do continente, os quais têm natureza étnica).



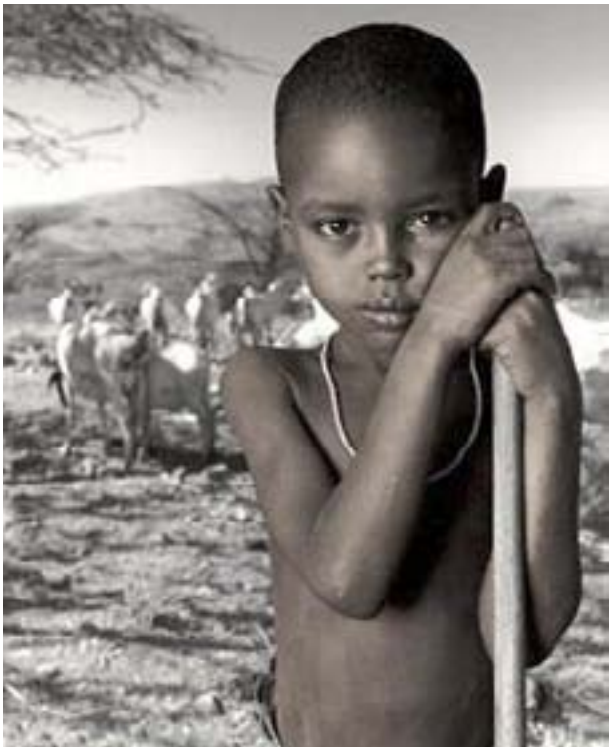






DESCOLONIZAÇÃO – PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

• Emancipação das colônias.
• Surgimento dos Estados Nacionais Africanos com as fronteiras da colonização.
• África utilizada pelos EUA e pela ex-URSS como laboratório durante a Guerra Fria.



PÓS-GUERRA FRIA

• Apartheid tecnológico na era da informação.
• África excluída da globalização.
• Recrudescimento dos conflitos étnicos.
• Aumento dos índices de pobreza.



REGIONALIZAÇÃO DA ÁFRICA:

1. ÁFRICA SAARIANA.
Localização: Parte norte ou setentrional do continente. Predomínio de população branca de origem árabe, seguidores do islamismo. É uma área rica em petróleo.

2. ÁFRICA SUBSAARIANA.
• Localização ao Sul do Saara.
• Predomínio de população negra, vários grupos étnicos, conflitos e graves problemas sociais.



África 2ª Parte: conflitos étinicos e GEOPOLÍTICOS

Frente 03 Ficha 04

CONFLITOS ATUAIS

CONFLITO DE DARFUR

■ O Sudão é o maior país da África, está localizado na porção ocidental do continente, integra a África Subsaariana ou África Negra. Esse país é atravessado pelo rio Nilo, que é fundamental para sua economia, pois nas suas margens desenvolve-se a pecuária e a agricultura de subsistência e comercial do algodão, além de ser utilizado para a produção de energia.

■ A questão é que há cerca de 46 anos o país vive uma guerra civil em que os lados opostos são muçulmanos ligados ao governo e cristãos e animistas, que se encontram em algumas áreas do país, a oposição religiosa esconde na verdade outros problemas como as questões étnicas que se constituem em resultado da colonização européia naquela área.

■ O Sudão como a maior parte da África Negra também tem baixo IDH e os conflitos geraram não só um enorme número de mortos, mas também um impressionante contingente de refugiados.

■ O conflito de Darfur iniciou em fevereiro de 2003, quando rebeldes separatistas decidiram romper com o governo de origem árabe que controla o país representando os interesses da população do norte.



■ A população de Darfur dedica-se a pecuária e a agricultura de subsistência, a área, entretanto é rica em petróleo, porém a retirada é dificultada pela falta de infraestrutura da área. O conflito já resultou em dezenas de milhares de pessoas mortas e milhões de refugiados.

CONFLITO DO CONGO

■ A história do Congo é uma história marcada pelas consequências da colonização. Foi propriedade do rei da Bélgica, depois foi colônia da Bélgica, tornou-se independente no início dos anos 60, logo após Mobutu assumiu o governo e aterrorizou o país por décadas, usufruindo de uma escancarada proximidade com o governo americano que usava o território do Congo para alcançar o norte de Angola e enviar armas para os guerrilheiros da UNITA. No início dos anos 90 as transformações da nova ordem levaram a derrocada de Mobutu e assim Cabila chegou ao poder.

■ O Congo mergulhou em um conflito onde milícias, guerrilheiros e as forças fiéis a Cabila se defontaram, o Estado Congolês se deteriorou e, por conseguinte as instituições de suporte foram desaparecendo. Em 2001 os guerrilheiros tutsis assassinaram o ditador Cabila e o seu filho assumiu em seu lugar. Em 2003 tentaram-se acordos de Paz, porém houve uma ruptura dos acordos.

SOMÁLIA E ETIÓPIA

■ Esses dois países têm seus territórios parcialmente atingidos pela região do Sahel, que é uma área periférica ao sul do Saara onde o clima é semi-árido e as chuvas são escassas e irregulares, o que comumente origina prolongadas estiagens, o que agrava mais ainda a situação desses países.

■ A questão entre a Somália e Etiópia está relacionada ao período de colonização, pois a região de Ogaden que foi incorporada pela Etiópia é habitada por somalis, sendo reivindicada por somalis. Esse fato desencadeou a Guerra do Chifre da África em 1978 como é conhecida a região e prolongou-se até 1988, quando a região de Ogaden foi incorporada à Somália.

■ O período da guerra coincidiu com uma época de seca, isso aliado ao fim da Guerra Fria e consequentemente o desinteresse das grandes potências da região. Isso enfraqueceu o poder de Siad Barre, ditador que controlava a região desde 1969, levando a sua derrocada em 1991.

■ O problema é que os rebeldes não chegaram a um acordo e o país se transformou em um caos sendo necessária ajuda externa a partir de intervenção da ONU para controlar o crescente estado de miserabilidade absoluta do país, pois a guerra civil se arrasta desde 1991.

(Texto extraído da Folha de São Paulo)

■ A tensão é crescente no Chifre da África, pois em dezembro de 2006 as tropas etíopes invadiram a Somália em alegando que os Tribunais islâmicos que controlavam a maior parte do país e se constituíam em um risco para a Etiópia.

■ Atualmente o um dos líderes do governo islâmico da Somália tem incentivado a invasão da Etiópia como forma de reagir à presença das tropas etíopes.

CONFL ITOS OCORRIDOS NO FINAL DO SÉCULO XX.

GUERRA CIVIL DE ANGOLA

■ Angola foi uma das colônias da África mais ligadas ao tráfico de escravos, que foi a principal atividade comercial até meados do século XIX. Calcula-se que aproximadamente 3 milhões de angolanos foram vendidos e a maioria para o Brasil, somente em meados do século XX, Portugal passou a encarar Angola como colônia de povoamento.

■ A luta pela independência de Angola iniciou na década de 1960, com três importantes movimentos rivais envolvidos: o Movimento Pela Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional para Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional Pela Independência Total de Angola (UNITA).

■ Esses três grupos guerrilheiros representavam as divisões étnicas e ideológicas. A FNLA tinha sua base na etnia bakongo, do norte do país, e se opunha as ideias socialistas.

■ A Unita de forte presença entre os ovimbundus do centro e do sul, foi apoiada, no início, pela China maoísta, mas depois tornou-se anticomunista. O MPLA era pró-soviético e se caracterizava por ser multirracial apesar do predomínio da etnia Kimbundo.

■ A situação de rivalidade se agravou e levou ao conflito armado entre os três grupos após a Revolução dos Cravos (1974), quando a democracia foi restaurada em Portugal, e o processo de emancipação das colônias estava em andamento, caso específico de Angola.

■ Os grupos guerrilheiros de Angola passaram a receber apoio das potências estrangeiras refletindo a Guerra Fria, a Unita e a FNLA receberam ajuda dos EUA, da França e da África do Sul, enquanto que o MPLA contou com o apoio da ex-URSS e de Cuba. A África do Sul chegou a enviar tropas para lutarem ao lado da Unita e desencadearam uma ofensiva contra Luanda, o que levou o MPLA a solicitar ajuda de tropas cubanas.

■ Para justificar sua entrada no conflito a África do Sul, alegou que Angola fornecia ajuda aos guerrilheiros, que lutavam pela independência do Namíbia, um país que tinha sido colônia alemã, muito rico em ouro e minerais, ele estava sob ocupação da África do Sul desde 1915, mas as razões foram outras, o regime racista do Apartheid, que vigorava na África do Sul temia na verdade, que os negros sul-africanos fossem influenciados pela esquerda nacionalista de Angola.

■ Em 11 de novembro de 1975, Portugal renunciou ao controle de Angola e não reconheceu qualquer dos grupos como governo, o MPLA proclamou então a República Popular de Angola e assumiu parte do controle do país, a FNLA se dissolveu e a Unita passou a contar com a ajuda dos EUA, o conflito civil continuou já foram feitas várias tentativas de paz, mas a Unita, sem o apoio dos EUA, continuou lutando contra o MPLA. A ação da Unita durante a Guerra Fria, contou com o apoio do Congo (ex-Zaire), que facilitava a entrada de armas no norte de Angola. Angola é um país com sérios problemas, resultantes do conflito o principal está relacionado às minas pessoais, que fazem vítimas o tempo todo e sobre as quais não se tem controle.

■ Em agosto de 2001 a Unita fez mais um atentado, que vitimou mais de 100 pessoas no norte de Angola. Hoje o país tenta um avanço democrático, depois que os últimos focos guerrilheiros foram controlados.

RUANDA

■ Em 1994, eclodiu em Ruanda um dos piores conflitos da África nos últimos anos, esse conflito ficou conhecido como o genocídio de Ruanda.

■ Em Ruanda vivem dois grupos étnicos principais: os hutus que são maioria e tradicionalmente estão ligados a agricultura e os tutsis que são originários do Chifre da África e são especialmente criadores de gado. Durante a colonização os tutsis foram privilegiados pelos alemães e com a independência tornaram-se a elite local. Em 1994 depois de tentativas de se chegar a um governo de coalizão, rebeldes hutus tomaram o poder iniciando uma limpeza étnica, os massacres adquiriram uma proporção gigantesca e se tornaram piores porque é comum o casamento inter-étnico no país. Em apenas 100 dias o conflito vitimou quase um milhão de pessoas.

A POLÍTICA DO APARTHEID NA ÁFRICA DO SUL.

■ Após a independência a África do Sul viveu por aproximadamente 40 anos sob o regime do Apartheid, um conjunto de leis racistas que negava aos não brancos os direitos de civis. A política do Apartheid é considerada como a maior expressão de segregação racial do mundo contemporâneo. Em consequencia dessa política a minoria branca do país não só governava mas, desfrutava de padrões de vida comparáveis a países desenvolvidos.

■ No início da década de noventa as leis do apartheid foram revogadas e Nelson Mandela assumiu o poder no país, um marco histórico, um negro no poder.



Frente 03 Ficha 05

As regiões excluídas:
AMÉRICA LATINA

CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL

1. O SIGNIFICADO DE AMÉRICA LATINA.

■ O termo América Latina faz referência aos países do continente americano que foram colonizados por povos latinos, ou seja, portugueses, espanhóis e franceses, no caso da Europa incluem-se nesse grupo os italianos, aliás a palavra é de origem de um lugar na península itálica que é o Lázio.

■ Entende-se por América Latina os territórios do continente americano que se estendem desde a fronteira Estados Unidos/México até o sul da Argentina e do Chile, compreendendo, portanto a América do Sul, América Central e o México.

2. O PAPEL DA AMÉRICA LATINA NA COLONIZAÇÃO.

■ O processo de colonização do subcontinente foi definido por uma relação de exportação, portanto a maior parte da América Latina foi colônia de exploração, com algumas exceções o que explica em parte o subdesenvolvimento e a dependência.

■ Na época da colonização, a região se tornou exportadora de matérias-primas, para abastecer os mercados europeus entre os produtos destacava-se o açúcar.

■ Segundo alguns historiadores pode-se afirmar que, nesse período a América Latina já possuía empresas globais uma vez que a mão-de-obra vinha da África, o mercado era a Europa e a base da indústria estava na América.

3. A DESCOLONIZAÇÃO DO SUBCONTINENTE.

3.1. A nova relação com a Europa.

■ Os países latino-americanos passaram por um processo de descolonização no século XIX e início do século XX. Os movimentos nacionalistas estiveram fortemente influenciados pelos EUA país que foi o 1º do continente a se tornar independente, fato esse que o tornou uma espécie de modelo a ser seguido.

■ A independência dos países latino-americanos contou em muitos casos com a participação dos EUA, que na verdade estava dando curso ao seu projeto imperialista e por isso passava a construir uma área de influência na América Latina.

■ A partir da independência novas relações de poder foram estabelecidas, entretanto manteve-se a submissão dessa parte da América em relação a Europa, que é até hoje o destino final de muitos produtos da América Latina.

3.2. A presença do colonizador rumo ao 3º milênio.

■ A chegada do século XX não trouxe para a América Latina a ansiada liberdade, o que aconteceu foi muito diferente dos sonhos que embalaram os movimentos nacionalistas, que exigiram com tanta esperança que a saída dos europeus revertesse o caminho da latino-américa, a realidade porém se mostrou diferente.

■ Com o fortalecimento econômico e o avanço do projeto político americano, fomos envolvidos em suas estratégias geopolíticas de tal maneira que até hoje caminhamos seguindo os passos marcados pelo poderio americano.

■ O nascer do século XX, trouxe também o nascimento dos EUA como grande potência e a América Latina passou a constituir sua "área de influência", caindo no interesse do capital norte-americano que passou a controlar o café e as jazidas minerais, para isso cria um importante controle econômico na região baseada na política do Big Stick (porrete).

■ A presença americana no subcontinente passa por situações que vão desde a invenção do Panamá, criado pelos dólares e pela ajuda militar dos americanos, com o objetivo de construir um canal, o que conseguiram e o mantiveram praticamente por um século sob o controle, (em 1973 foi assinado um tratado que previa a devolução do Canal na virada do ano 2000). Além desses são múltiplos os exemplos entre os quais podemos citar:

a) De 1916 a 1924, as tropas dos EUA ocupam São Domingos (atual Rep. Dominicana) e colocam no governo o homem de confiança dos bancos e companhias de exportação americanas.

b) Em 1951 Jacob Arbens (Guatemala) foi derrubado, pois tentava romper o controle da Cia. Fruteira.



"Em resumo O passar dos anos não altera o domínio dos EUA na região. A Unidet Fruit (Cia. Fruteira), continua monopolizando a produção e a comercialização das frutas tropicais. Os bancos norte-americanos mantêm seu imperialismo e seus juros extorsivos, dirigindo a política econômica de muitos países. Os "mariners estão prontos para intervir a qualquer momento, a exemplo do caso da Pequenina Guatemala".

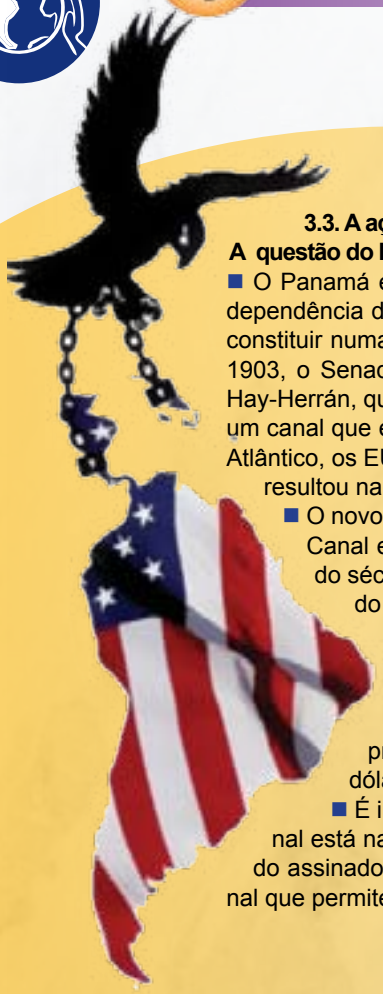
■ Na verdade, pouco ou quase nada mudou, os campos continuam sendo área onde os componentes são explorados e não acessam a terra, as cidades são palco do desemprego,da ampliação das injustiças sociais, a situação permanece excluindo os jovens da escola, do trabalho, condenando-os a um futuro sem perspectivas.

■ E as causas das Guerras de El Salvador e Nicarágua ou da Revolução Cubana permanecem mesmo no início do século XXI, em pleno 3º Milênio, parece que aqui pouco mudou no que diz respeito ao nosso papel na sociedade mundial.



SAIBA

Aplicações no Caderno de Exercícios



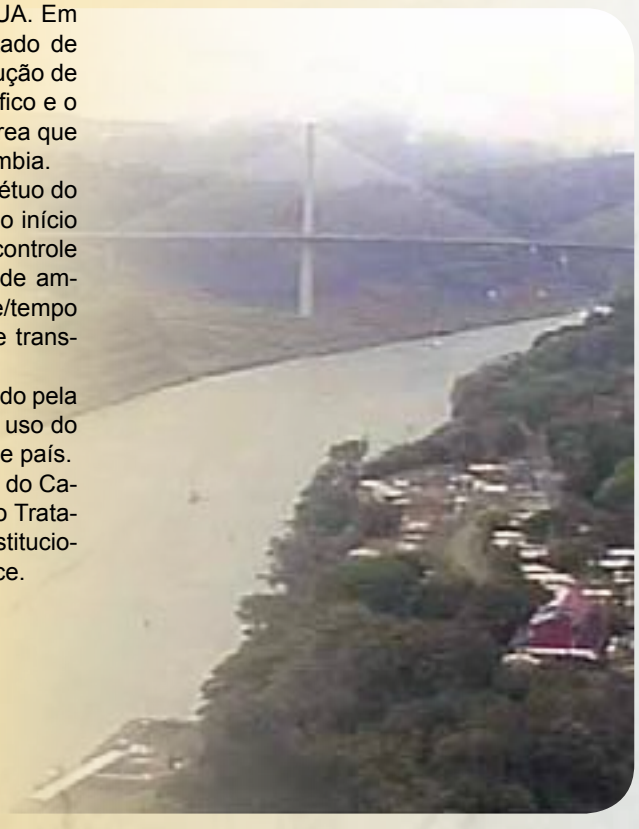
3.3. A ação dos EUA na América Latina: A questão do Panamá.

■ O Panamá era parte integrante da Colômbia desde a sua independência da Espanha, mas o istmo panamenho passou a se constituir numa importante área de interesses para os EUA. Em 1903, o Senado Colombiano negou-se a ratificar o Tratado de Hay-Herrán, que dava aos americanos o direito de construção de um canal que estabelecesse a comunicação entre o Pacífico e o Atlântico, os EUA então fez uma intervenção política na área que resultou na separação do Panamá em relação a Colômbia.

■ O novo Estado concedeu aos EUA o domínio perpétuo do Canal e o direito de intervenção militar no país. No início do século XX, os EUA devolveram ao Panamá o controle do Canal, que atualmente está com projeto de ampliação, pois sua capacidade de transporte/tempo está defasada em relação a realidade de transporte e comércio de hoje.

■ O Panamá é um país, ainda muito marcado pela presença dos EUA, uma dessas marcas é o uso do dólar americano como moeda corrente naquele país.

■ É importante destacar que apesar do controle do Canal está nas mãos do país Panamá em obediência ao Tratado assinado nos anos 80, entretanto o dispositivo constitucional que permite a intervenção militar americana permanece.



A região
NORDESTE

Frente 04 Ficha 01

1. AS DIFERENTES FORMAS DE REGIONALIZAÇÃO

■ A Região Nordete segundo o IBGE é composta por nove (9) Estados que são: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. No entanto, o complexo regional do Nordeste se estende desde a porção leste do Maranhão até o norte de Minas Gerais, abrangendo (pouco menos de 20% do território nacional), sendo a região de colonização mais antiga do país, tendo exercido a hegemonia política e econômica do Brasil até meados do século XVIII. Nessa região vivem cerca de 30% dos habitantes do Brasil, constituindo-se, ainda, em área de repulsão populacional. Mas, durante vários séculos (XVI-XVIII) esse complexo regional abrigou a grande maioria da população do Brasil-colônia e, até 1763, a capital político-administrativa na cidade de Salvador. Atualmente algumas áreas da região estão sofrendo um refluxo populacional, o qual posteriormente estudaremos.

BRASIL REGIONAL (IBGE)



REGIÕES GEOECONÔMICAS



SUBREGIÕES DO NORDESTE



2. A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO TERRITÓRIO BRASILEIRO E EM PARTICULAR DO NORDESTE

2.1. As Frentes de Expansão Econômicas:

■ As atividades econômicas foram fator essencial para a expansão territorial brasileira. Nossa economia colonial (1500-1822) girava em torno da produção de gêneros primários voltados, em sua maior parte, á exportação e ás necessidades da metrópole portuguesa. Dentre as principais frentes de expansão econômica temos:

2.1.1 Cana-de-açúcar (XVI e XVII)

■ Localização: após a experiência na capitania de São Vicente (SP), foi introduzido na Zona da Mata, litoral nordestino, principalmente Pernambuco e na Bahia (maior número de engenhos instalados.

■ Características Físicas: clima litorâneo, vegetação de mata atlântica, solo argiloso e fértil (massapé)

■ Experiência dos Portugueses (Açores) - Aceitação na Europa - Financiamento pelo capital holandês - Plantation: monocultura, mão de obra escrava, latifúndio e exportação - Sociedade basicamente rural - O desenvolvimento da economia açucareira permitiu ao nordeste manter-se como região hegemônica dentro do território brasileiro.

2.1.2 Pecuária: litoral (engenho) → interior (sertão) – a expansão da atividade canavieira no litoral promove a interiorização da pecuária.

2.1.3 As Entradas e Bandeiras: ocorreram no Séc. XVII e XVIII e foram movimentos de penetração para o interior motivado pela busca de metais preciosos ou captura de índio.

2.1.4 Drogas do Sertão (XVI e XVII): Amazônia – jesuítas, fortificações e bandeirantismo ocupação da calha dos rios (surgimento de cidades).

2.1.5 Mineração (XVII e XVIII): transcorreu em parte do sudeste e centro-oeste (GO, MT e MG) – transferência do eixo econômico – surgimento e crescimento de núcleos urbanos – mobilidade interna da população colonial - grande dinamismo econômico no interior da colônia Desenvolvimento de várias atividades econômicas complementares à mineração - Aumento da população colonial devido à migração de portugueses que vinham em busca de riquezas – Expansão do território devido à incorporação de terras do interior, ultrapassando inclusive o limite de Tordesilhas - O povoamento do interior trouxe consigo dizimação de inúmeros povos indígenas.

2.1.6 Cafeicultura: As Transformações decorrentes da cafeicultura e as condições para a industrialização.

a) Acumulação de capital;
b) A montagem de uma infra–estrutura facilitando a concentração industrial na região sudeste;
c) A existência de uma mão-de-obra especializada, composta por imigrantes italianos;
d) O crescimento do mercado consumidor.

■ O Tratado de Madri (1750) serviu para redefinir os limites fronteiriços do país. O critério para a definição foi “uti possidetis” (se possui vai permanecer possuindo).

HERANÇAS DEIXADAS NA ESPACIALIDADE BRASILEIRA DECORRENTE DO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO:

a) A extrema concentração fundiária (monopolização das terras – a Lei de Terras de 1850 contribuiu para consolidar o latifúndio); assim como a utilização das melhores terras para o cultivo de exportação, em detrimento às necessidades do mercado interno;
b) A concentração da população próxima ao litoral, bem como das principais metrópoles;
c) A inserção definitiva do Brasil na DIT
d) A desterritorialização das populações indígenas, assim como seu extermínio.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO BRASIL AGRÁRIO - EXPORTADOR:

a) A desarticulação entre as regiões fortaleceu a economia de arquipélago (ilhas econômicas);
b) A expansão das atividades primárias fortaleceu o modelo agrário-exportador;
c) A população brasileira em grande parte tem um modo de vida relacionado a atividades rurais (70%);
d) O espaço da circulação se constituem em meios para escoar a produção do interior (ex: ferrovia);
e) Ausência de um amplo mercado interno.

TEXTO DE APOIO

■ A ocupação do território brasileiro nos séculos XVI e XVII se iniciou pelo litoral nordestino e em seguida por algumas áreas do litoral do Sudeste. O pau-brasil era encontrado na Mata Atlântica, vegetação que se estendia por grande parte do litoral brasileiro no descobrimento. Os portugueses estabeleceram a produção de açúcar também no litoral, onde surgiram os primeiros povoados e núcleos urbanos. Como era uma produção voltada à exportação, a dificuldade de transporte terrestre da mercadoria até o litoral impedia o estabelecimento da produção em regiões interioranas.

■ Nos dois primeiros séculos de ocupação, com o crescimento da produção açucareira principalmente no Nordeste e a necessidade de maximização da produção nas áreas litorâneas, foi estabelecida no sertão nordestino uma pecuária extensiva baseada em grandes estabelecimentos. A pecuária tinha como objetivo o fornecimento de carne, força motriz e transporte para a produção açucareira. A pecuária também se estabeleceu em menor escala no Sudeste, também para dar suporte à produção de açúcar e à reduzida mineração. No sul do país, que no período ainda estava sob domínio espanhol, a atividade pecuarista era destinada especificamente à produção de couro. Neste primeiro período o vale do Amazonas também foi ocupado (de forma bastante tênue) para a extração das drogas do sertão.

■ No século XVIII a produção de açúcar diminuiu e a expansão da mineração, com auge naquele século, foi a alternativa encontrada por Portugal para a exploração da colônia. A mineração de pedras preciosas e ouro foi estendida para o interior da Bahia, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, o que proporcionou a ocupação do interior, mesmo que de forma pouco densa. A pecuária e a agricultura de gêneros alimentares acompanharam a mineração e também se intensificaram no interior. Na segunda metade do século o algodão ganhou importância e teve seu auge no fim do século XVIII e início do século XIX. Também no final do século XVIII e início do século XIX a pecuária no sertão nordestino decaiu devido à seca e a região Sul passou a ser importante fornecedora de charque.

■ O século XIX foi marcado por um aumento significativo da ocupação do território brasileiro, sendo que fatos políticos e econômicos influenciaram a atual configuração da distribuição de densidades no território. Um evento político marcante foi a transformação do Rio de Janeiro, capital da colônia desde 1763, em capital do império Português com a vinda da família real em 1808. O segundo componente, de ordem econômica, foi o desenvolvimento da produção de café no sudeste. A cafeicultura teve seu ápice entre meados do século XIX e início do século XX, quando foi a principal atividade econômica do país. O cultivo do café foi iniciado no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX e expandido para o sul de Minas Gerais, sul do Espírito Santo e leste de São Paulo, no vale do Paraíba. Também foi no século XIX que a extração de borracha se desenvolveu na região amazônica, para onde houve um grande fluxo de migração nordestina. O ciclo da borracha entrou em decadência na década de 1920, com a concorrência da borracha produzida em plantações no sudeste asiático. No Nordeste, o cultivo do algodão passou a dividir importância econômica com a produção de açúcar, decaindo a partir do primeiro quarto do século.

■ A iminência do fim da escravidão negra, ocorrida em 1888, incentivou a vinda para o Brasil de um grande contingente de população européia, seguida mais tarde pela imigração japonesa. Entre os anos de 1885 e 1934 entraram no Brasil, através do estado de São Paulo, 2.333.217 imigrantes. A imigração européia também foi importante no século XIX para a ocupação da região Sul do Brasil, onde foi estabelecida a colonização camponesa por imigrantes italianos, alemães e eslavos. As décadas de vinte e trinta do século XX foram caracterizadas pelo declínio do café e a transferência de capitais desta atividade para o setor industrial paulista, que se desenvolveu intensamente nesse período. A partir de então a industrialização passou a causar alterações na agricultura pela demanda de matéria-prima, mão-de-obra e alimentos para a população urbana.

Assim, (...) a produção de café avançou sobre o planalto paulista. O estabelecimento de uma rede ferroviária considerável, que contava inclusive com capitais dos fazendeiros, ligando o interior à capital e ao Porto de Santos, foi indispensável para a ocupação do estado de São Paulo. O fluxo migratório para a fronteira agropecuária era formado principalmente por imigrantes europeus, japoneses e de Minas Gerais. Com a crise de 1929 e a segunda guerra mundial o café perdeu, temporariamente, importância.

*Texto de Eduardo Paulon Girardi adaptado por Nonato Bouth

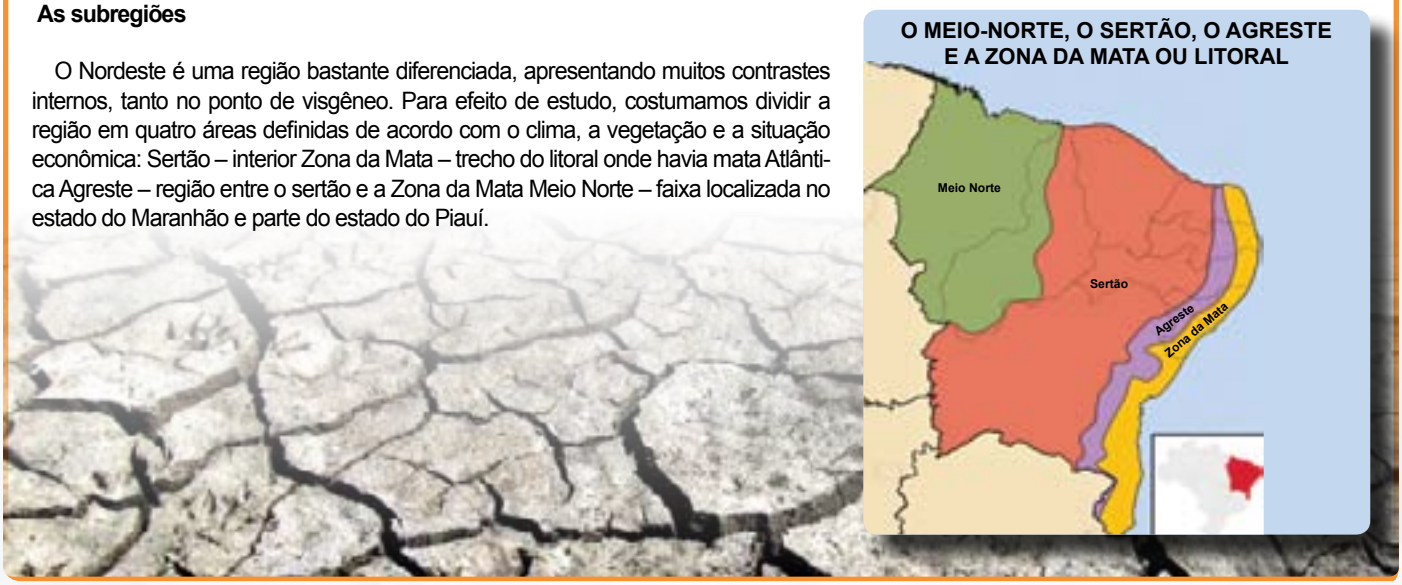
Frente 04 Ficha 02/03

Nordeste: sub-regiões, seca e DESERTIFICAÇÃO

OS CONTRASTES REGIONAIS

As subregiões

O Nordeste é uma região bastante diferenciada, apresentando muitos contrastes internos, tanto no ponto de visgêneo. Para efeito de estudo, costumamos dividir a região em quatro áreas definidas de acordo com o clima, a vegetação e a situação econômica: Sertão – interior Zona da Mata – trecho do litoral onde havia mata Atlântica Agreste – região entre o sertão e a Zona da Mata Meio Norte – faixa localizada no estado do Maranhão e parte do estado do Piauí.



O MEIO-NORTE, O SERTÃO, O AGRESTE E A ZONA DA MATA OU LITORAL

CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS SUBREGIÕES

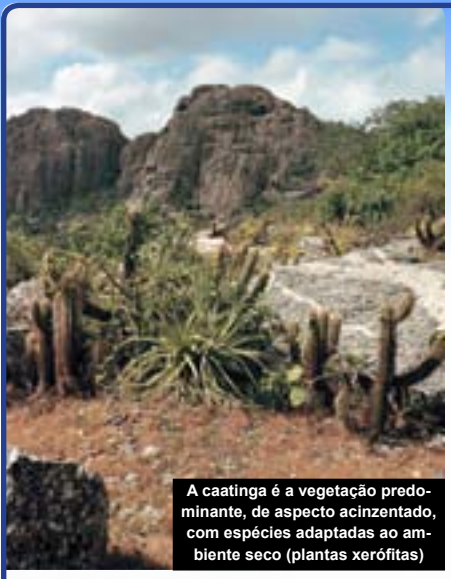
ZONA DA MATA: localiza-se na faixa litorânea, onde as chuvas são regulares. Foi a primeira região a ser colonizada e é a mais povoada, a mais industrializada e a mais urbanizada. Compreende a área costeira que vai do Rio Grande do Norte até a Bahia. Tem esse nome porque a vegetação original que cobria essa área era a mata atlântica que hoje se encontra bastante devastada. A Zona da Mata é geralmente subdivida em: zona da Mata Açucareira, Recôncavo Baiano e Zona do Cacau ou sul da Bahia.

a) **ZONA DA MATA AÇUCAREIRA**: É a área de influência da cidade de Recife e estende-se do Rio Grande do Norte até a parte setentrional da Bahia apresenta as seguintes características:
- Localizam-se aí as grandes metrópoles nordestinas (Recife e Salvador) e as cidades de Maceió e Natal;
- Concentra os maiores problemas urbanos do Nordeste; pobreza, baixo nível salarial, favelamento, conflitos pela posse de terras, etc;
- Predomina a monocultura da cana-de-açúcar para a agro-exportação;
- Possui o maior desenvolvimento da indústria do Nordeste.

b) **RECÔNCAVO BAIANO**: É a área de influência da cidade de Salvador. Suas características são:
- Apresenta uma industrialização incipiente, baseada na extração de petróleo.
- O pólo situado em Camaçari e a refinaria Landulfo Alves são as grandes expressões econômicas;
- A proximidade com Salvador tem acelerado a ocupação dessa sub-região, ocasionando muitos problemas urbanos.

c) **SUL DA BAHIA**: situa-se em torno das cidades de Ilhéus e de Itabuna. Suas principais características são:
- Predomínio da monocultura cacaueira para a agroexportação;
- Cultivo sombreado (imitando as condições ecológicas da Amazônia);
- Decadência atual das lavouras devido ao ataque de pragas (principalmente a “vassoura de bruxa”).

SERTÃO: Abrange mais da metade da área total do Nordeste. Corresponde às áreas interioranas de clima semi-árido. À medida que vamos avançando para o interior, as chuvas se tornam cada vez mais escassas, ocorrendo até longos períodos de seca. Os rios do sertão nordestino são em geral intermitentes, isto é, secam completamente durante alguns meses do ano. A grande exceção é o Rio São Francisco, que corre continuamente, mesmo nos períodos de seca prolongada; por isso, é um rio perene. O Sertão abrange a região do Polígono das Secas, que compreende mais da metade da região. Aí predomina o clima semi-árido, Com baixos índices de pluviosidade e chuvas mal distribuídas durante o ano. A vegetação predominante é a caatinga, de aspecto acinzentado, com espécies adaptadas ao ambiente seco (plantas xerófitas), como o mandacaru, a xique-xique, a palma e a barriguda. Os solos são, de forma geral, rasos e arenosos.



A caatinga é a vegetação predominante, de aspecto acinzentado, com espécies adaptadas ao ambiente seco (plantas xerófitas)

■ A atividade econômica de maior destaque é a pecuária extensiva e de corte. No vale do Rio São Francisco, a agricultura de irrigação. (uva, cebola, tomate, etc.), vem se expandindo com os projetos desenvolvidos pela CODEVASF (Companhia do Desenvolvimento do vale do Rio são Francisco). Os brejos, áreas úmidas em pleno sertão semi-árido, geralmente localizados em vales fluviais ou nas costas das serras, são regiões agrícolas de concentração, como ocorre no vale do Cariri cearense, onde o cultivo de algodão (do tipo arbóreo) é atividade mais dinâmica. Também cresce com destaque a produção de sal nas áreas litorâneas do Ceará e do rio Grande do Norte. Fortaleza, cidade mais populosa da área, exerce o papel de metrópole regional e centro de atração de emigrantes da própria região.

AGRESTE: É uma zona de transição entre o Sertão e a Zona da Mata, nem muito úmida nem muito seca. Trata-se de uma faixa estreita na direção leste-oeste e alongada na direção norte-sul. È uma área relativamente alta, que corresponde a região do planalto da Borborema Estende-se do Rio Grande do Norte até o sul da Bahia, correspondendo ao Planalto da Borborema. O Agreste apresenta áreas úmidas no lado oriental e áreas semi-áridas recobertas por caatingas no lado ocidental. A economia baseia-se na policultura comercial (arroz, café, sisal, cana-de-açúcar, etc.). Essa área apresenta elevadas concentrações populacionais, principalmente nas cidades de Campina Grande (PB), Caruaru e Garanhuns (ambas em Pernambuco) e Feira de Santana (BA).

MEIO NORTE: É uma área de extensão dos Estados do Maranhão e do Piauí, apresentando características de transição entre o Sertão semi-árido e a Amazônia equatorial, onde se localiza a zona dos cocais, área de vegetação de babaçuais. A principal cidade é São Luis, capital do Maranhão. A agricultura tradicional do Meio Note baseava-se no cultivo do algodão, cana-de-açúcar e arroz. Hoje a soja vem se tornando o principal produto, cultivado de forma moderna e mecanizada. Em função da expansão da fronteira agrícola do cerrado do Brasil Central, o cultivo de soja já penetrou nas fronteiras do Maranhão como Pará e como Tocantins.

■ O Meio-Norte apresenta médias densidades populacionais, destacando-se, como capitais regionais, as cidades de São Luiz e de Teresina.

■ Os maiores problemas dessa unidade são: a concentração da terra, a baixo produtividade extrativa e a erosão dos solos.

O POLÍGONO DAS SECAS

■ O Ministério da Integração Nacional e de Desenvolvimento Regional aprovou em agosto de 2005 o Projeto de Lei 3846/04, que incorpora 27 municípios do norte do Espírito Santo ao chamado Polígono das Secas. Dessa forma os municípios terão acesso a linhas especiais de crédito, incentivos fiscais e recursos disponíveis para a região. O Polígono das Secas é uma área reconhecida pela legislação por ser sujeita a secas prolongadas. Representa uma divisão regional feita com base em critérios político administrativos, mas não corresponde à zona semi-árida. O território abrange os estados do Piauí, do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco, de Alagoas, de Sergipe e da Bahia, além do norte de Minas Gerais.

ZONAS SECAS:

■ Áreas onde o volume anual de água perdida pela evaporação é maior que a quantidade de água recebida pela chuva. Dividindo o total das precipitações pelo volume de água evaporada, obtém-se, portanto, um valor sempre menor que 1,0 – índice de aridez.

A SECA:

Fenômeno físico (natural): causas.

■ Disposição do Relevo (Borborema).

■ Mecanismo das Massas de Ar.

■ Pequena espessura do solo.



DESERTIFICAÇÃO

■ É um processo de degradação da capacidade produtiva da terra causado por ação do homem. Uma zona desertificada deixa de ser produtiva; mesmo que possível, sua recuperação muitas vezes tem um custo elevadissimo.

Relativa qualidade do solo do sertão.

■ Sais minerais no solo.

■ Excesso - Péssima qualidade - Alto teor de salinidade.

■ Controle dos sais pela água (Poços, Açudes, Irrigação e chuva).



Estrutura agrária, migrações e INDUSTRIALIZAÇÃO

Frente 04 Ficha 04/05

MIGRAÇÕES NORDESTINAS:

■ O termo migração faz alusão a qualquer movimento da população. Podemos trabalhar essa questão migratória das seguintes formas:

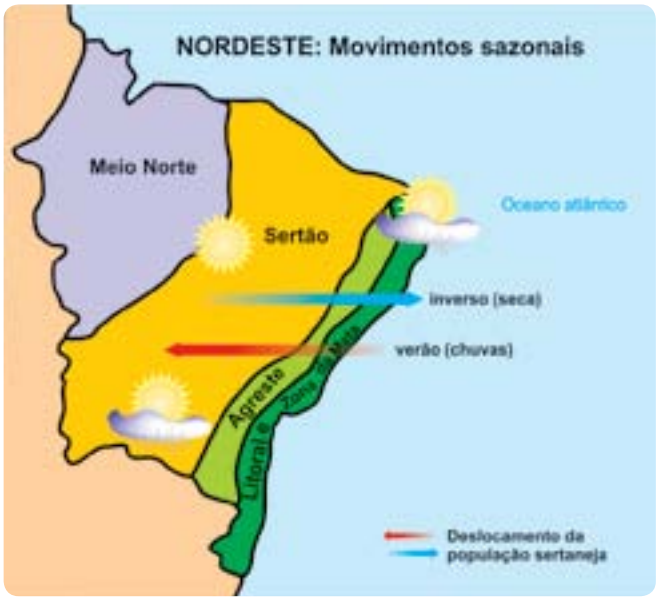
■ **Migrações externas**: também definida como uma migração internacional, ou seja, quando a população se desloca entre países. Quando a população se desloca entre países do mesmo continente é denominada de migração externa intracontinental e quando ocorre entre países de continentes diferentes é intercontinental.

■ **Podemos trabalhar com dois tipos de migração externa:**
• **Imigração**: corresponde à entrada da população estrangeira em determinado país que não o seu de origem.
• **Emigração**: corresponde à saída de população do país de origem para outro país.

■ **Migrações internas**: a migração interna ocorre quando a população se desloca no interior de um país. Alguns fluxos migratórios internos são considerados especiais, como:

■ **Êxodo rural**: corresponde ao deslocamento da população do campo em direção da cidade, ou seja, o deslocamento da população do meio rural para o meio urbano. Esse é o movimento migratório interno mais importante, sendo um dos fatores responsáveis pela grande quantidade de migrantes que se deslocaram e continuam a se deslocar para as cidades e que por isso apresentam um agravamento de certos problemas sociais.

■ **Transumância**: é o deslocamento da população causado por fatores naturais (físicos) e que ocorre em certos períodos do ano. É um movimento migratório sazonal, ou seja, periódico e reversível. Ex: migrações causadas pela seca no sertão nordestino.



TIPOS DE MIGRAÇÕES

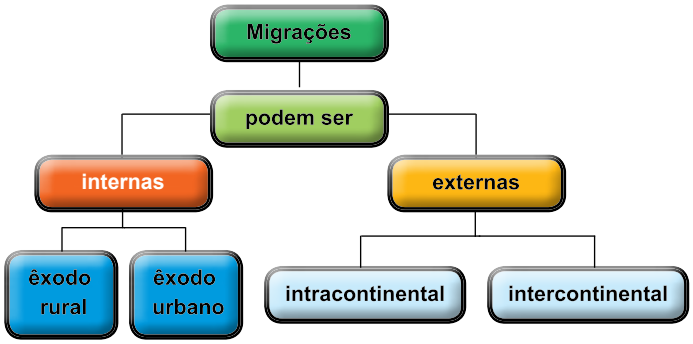
MIGRAÇÃO PENDULAR:
É o movimento populacional diário, ou seja, do cotidiano da população que se desloca em geral das periferias para o centro das cidades e vice-versa. As migrações podem ser classificadas de diversas maneiras, como por exemplo: de acordo com o espaço, de acordo com a duração, de acordo com a forma. Agora sim os tipos de migração quanto ao espaço:
■ **Externas**
■ **Internas**

QUANTO Á DURAÇÃO OU TEMPO:
■ **Definitivas**
■ **Temporária ou sazonais**

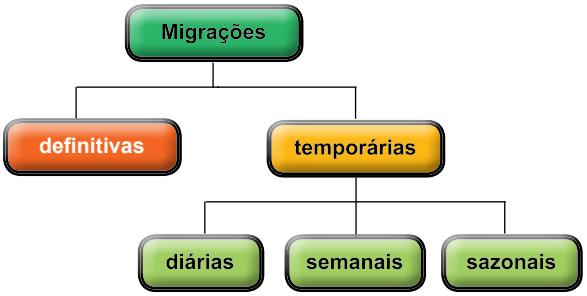
QUANTO A FORMA PENDULARES OU DIÁRIAS:
■ **Voluntária**: quando a população migra por sua própria vontade;
■ **Forçadas**: quando a população é obrigada a migrar por diversas razões (escravidão, questões políticas e religiosas, etc).
■ **Legal**: quando o país de acolhimento dá autorização á migração;
■ **Ilegais**: quando a migração é feita sem a autorização do país de acolhimento Migrações quanto ao espaço:



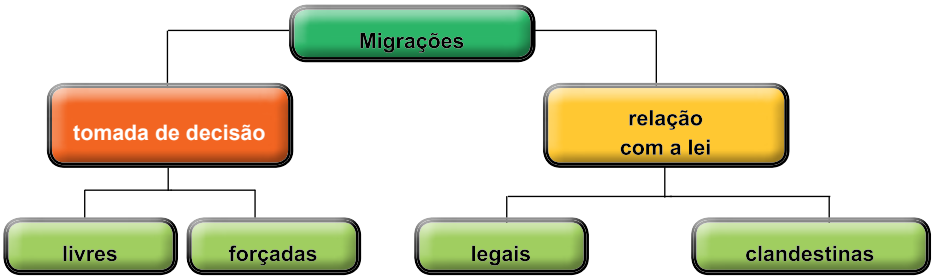
1. MIGRAÇÕES QUANTO AO ESPAÇO



2. MIGRAÇÕES QUANTO AO TEMPO



3. MIGRAÇÕES QUANTO A FORMA



Aplicações no Caderno de Exercícios

QUESTÃO DAS MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL:

■ Esse tipo de migrações no Brasil acontece principalmente por questões econômicas e desastres naturais. Historicamente temos vários exemplos que caracterizam esse tipo de migração em relação a região Nordeste. Na transição do século XIX para o século XX, mas precisamente entre 1870 a 1912, durante a expansão da fronteira econômica da borracha na Amazônia vários nordestinos migraram para a região em busca de emprego, mas ao mesmo tempo impulsionados pelas grandes secas que afeteram o setão nordestino por volta de 1870. Em outros períodos historicos a migração de nordestinos também foi intensa e continua até hoje em decorrência da seca, mas principalmente em função de uma carência de políticas agrícolas e sociais para a região. Não podemos esquecer das migrações de nordestinos em direção ao sudeste brasileiro pós década de 30 em decorrência do proceso de industrialização.



SITUAÇÃO ATUAL DAS MIGRAÇÕES NORDESTINAS:

■ Na atualidade, vem ocorrendo um grande refluxo de migrantes de outras regiões para o Nordeste. Na verdade esse refluxo se inicia desde os anos 80 com ações da Sudene com a atração de industriais para a região a partir da oferta de incentivos fiscais. Após a extinção da Sudene esse papel passou a ser asumido pelos governos estaduais e municípais. Embora a região venha crescendo industrialmente e economicamente o mesmo não é homogeneo e acaba por beneficiar algumas áreas em detrimento de outras. Agora com muita atenção leia a texto abaixo da pesquisadora Isabel Cristina da Fundação Joaquim Nabuco de Pernambuco.

TEXTO COMPLEMENTAR - 1

SECA E MIGRAÇÃO NO NORDESTE: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE BANALIZAÇÃO DE SUA DIMENSÃO HISTÓRICA.

Isabel Cristina Martins Guillen/Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco-PE.

MIGRAR: DESTINO DO NORDESTINO?

Quando se trata de migração nordestina, tudo se passa como se fosse uma decorrência econômica e social natural, levando-se em conta a construção imaginária do tripé Nordeste/ seca/ migração. Essa construção imaginária "destina" ao homem nordestino a condição e migrante, pobre e flagelado. De certo modo, essa representação social contribui para criar a invisibilidade histórica em torno do migrante, deslocando as questões para outros campos que não favoreciam o surgimento de uma história social que os incluísse. A discussão que proponho caminha em direção oposta, e se abre no sentido de entender que migrar não é uma via de mão única, e não há homogeneidade de objetivos entre os que migram, nem das condições sociais para migrar.

Em suma, não há destinação. E tampouco migrar se constituiria necessariamente numa fatalidade. Não obstante, há aqueles que entendem que o migrar é em si uma violência, posto que acarretaria sobretudo perda de identidade e desenraizamento, tida como perda das relações sociais constitutivas dos referenciais que informam a identidade.

No entanto, ao entender o migrar como puro desenraizamento, confina-se novamente o migrante na condição de vítima, passivo diante de um ato que é tido como não sendo de sua escolha, mas fruto de imposições históricas e estruturais, diante das quais ele se mantém alheio. É importante lembrar as observações feitas por Maura Penna de que a experiência do desenraizamento se conforma à de exclusão social, presente já no lugar de origem. O desenraizamento já existiria antes mesmo da partida, e nesse sentido, a autora toma a experiência de uma certa precariedade dos modos sociais de existência que compelem à migração também como desenraizamento, sendo, portanto, o enraizamento no lugar de origem apenas um pressuposto.

É apenas nesse sentido que migrar pode ser entendido como resistência, não só à exploração e dominação existentes no local de origem, e que produzem a exclusão social, mas sobretudo a se ver fixado, emoldurado num lugar social e simbólico. Migrar é exercer o desejo de mudar, de não se conformar.

TEXTO COMPLEMENTAR - 2

DA INVISIBILIZAÇÃO DO MIGRANTE À BANALIZAÇÃO DA HISTÓRIA.

Destacarei, do leque de possibilidades que o tema propõe, um importante aspecto, penso que ainda não discutido. Na vasta produção intelectual que buscou pensar os movimentos migratórios e a seca, gostaria de me ater ao tema da **recorrência histórica.**

Como compromisso para com esta mesa redonda, eu fiz uma pequena revisão bibliográfica da seca, e foi com um certa perplexidade que constatei um uso bastante singular da noção de História. É frequente na historiografia da seca encontrarmos afirmações do tipo: "o problema da seca e das migrações no sertão nordestino é histórico".

O que significa nesse contexto ser histórico? Há duas possíveis leituras dessa adjetivação - em primeiro lugar, é o que ocorre com frequência há muito tempo e, em segundo lugar, trata-se de um problema social que não tem solução. Histórico nesse caso tem o significado de permanência.

É nesse sentido que a falta de solução para o problema da seca é histórico, os problemas políticos são históricos, ou seja, os políticos é que sempre saem lucrando com a seca, a ausência de políticas públicas e a falta de recursos do governo federal para solucionar os problemas do sertão são históricas...

O histórico é de tal forma banalizado que acaba por transformar o semi-árido em uma região aparentemente sem história, dadas a permanência e a imutabilidade dos problemas. "Como se com o decorrer das décadas nada tivesse se alterado e o presente fosse um eterno passado."

Quando se pensa sobre a trajetória das pessoas na região do semi-árido, há uma quase que paralisia da história: nada muda, é sempre a mesma coisa, as mesmas propostas recorrentes, as mesmas medidas, etc. Nesse sentido, quando afirmam que a pobreza e a migração são históricas, parece-me que se lhes dispensa o mesmo tratamento dado às secas, ou seja, busca-se naturalizar um dado que é social. Ser histórico não é ser natural, nem sequer remete ao fim dos tempos e, principalmente, não que dizer que sempre foi assim. Acima de tudo, que não há a obrigação, por ser histórico, de ser sempre assim.

Isto porque a história é entendida do ponto de vista governamental ou das políticas públicas (que estas, sim, continuam quase que as mesmas ou utilizando os mesmos mecanismos), pois, se pensarmos nos sujeitos que viveram esses problemas, podemos perceber que não há essa paralisia, mas, ao contrário, a história dos sertões é de eterna mudança – provocada pelas constantes migrações, en-

tendidas muitas vezes como uma saída viável para a pobreza. Ou, como dizem os sertanejos, uma saída para a sujeição.
Há, sim, um processo que engendra uma aparente repetição (que não é cíclica como as secas naturais) que faz com que o histórico, o socialmente construído, apareça como natural. Efetivamente, aquilo que aparece como imutável – "o" Nordeste, "a" seca - é perpassado por mudanças cotidianas, das próprias pessoas que se mudam todos os dias, seja porque estão em migração, seja porque vivem em precariedade. No entanto, também à migração, como fenômeno social, cola-se a imagem da imutabilidade (é sempre assim: seca lembra migração que lembra Nordeste).
Cumpre a nós, historiadores, mostrar como essas mudanças introduzidas pela migrações são significativas no jogo das "permanências" ou das mudanças e no jogo político da dominação social.
Tendo esclarecido que, em meio à aparente recorrência do mesmo, é necessário buscar a diferença e o movimento, gostaria aqui de precisar qual é o sentido da diferença que os estudos históricos podem introduzir neste debate.

O CRESCIMENTO INDUSTRIAL NORDESTINO.

Elite: pobreza x atraso industrial;
- Solução industrial e energética;
- Solução industrial: Sudene (incentivos ficais);
- Solução energética: Chesf (energia barata e abundante);

Década de 80: foi inegável o crescimento industrial nordestino; não minimizou a pobreza devido fatores, tais como:
a) não absorveu adequadamente a mão-de-obra regional.
b) a produção visa outros mercados.
c) crescimento industrial heterogêneo.

- A partir desta década a elite política passou a relacionar a pobreza com o **atraso industrial da região**. Dessa forma segundo a elite a única maneira de minimizar a pobreza era tirando o atraso industrial da região e para isso a elite política adotou a **solução industrial e energética**.



- A **solução industrial** ficou sob a direção da **Sudene** (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) que através de incentivos fiscais passaria a atrair atividades indústrias para a região.

- A **solução energética** ficou sob a direção da **CHESF** (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) com o objetivo de fornecer energia barata e abundante para a atividade industrial que passaria a se instalar na região.

- Foi inegável o crescimento industrial da região nordeste, principalmente na década de 80, porém esse crescimento pouco contribuiu para minimizar a situação da nobreza na região em decorrência de alguns fatores, tais como: grande parte das indústrias que se estabeleceu na região não absorveu adequadamente a mão de obra regional.
- Essas indústrias em parte não produzem para atender as necessidades do mercado consumidor da região. A concentração industrial não foi homogênea e acabou por se concentrar em determinados Estados como Bahia, Pernambuco, Ceará e Maranhão em detrimentos de outros Estados.

Nesses estados algumas área se destacaram, tais como:
- A parte oeste do Maranhão devido o pólo siderúrgico de Carajás. O Sul do Maranhão e Oeste da Bahia devido o cultivo mecanizado da soja.


Estaleiro | Pesquisas


Pólo Siderúrgico de Carajás

- As regiões metropolitanas de Recife, Salvador e Fortaleza devido respectivamente as indústrias eletroeletrônicas, petroquímica (pólo petroquímico de Camaçari) e têxtil.
- O Sul da Bahia devido a atividade exportadora do cacau, as principais capitais litorâneas devido ao turismo e o vale do rio São Francisco entre as cidades de Juazeiro, na Bahia e Petrolina, em Pernambuco devido o cultivo irrigado para a exportação de uvas e frutas tropicais.

